

Revolução Socialista

Jornal Posadista

Continuação do
Jornal
Frente Operária,
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido”

J. Posadas

– Abril de 2006

A demissão de Palocci e a urgência de mudança de rumos no governo Lula



IRÃ
“Os Estados Unidos têm músculos fortes mas também osteoporose”

Presidente Mahmoud Ahmadinejad

Página 6 e 7

EDITORIAL

O grande capital tomou a demissão de Palocci como uma derrota, e mesmo a oposição conservadora, PFL e PSDB, que sempre o defenderam, como homem sensato e eficiente, – fiador da tranquilidade da tranquilidade do setor financeiro – mudam o disco, e passam usar o episódio do caseiro como nova telenovela para desestabilizar Lula. Mesmo assim, não podem esconder o enorme medo de mudanças na política econômica, e retomam as advertências sobre “o perigo de um populismo chavista em Lula”. A demissão de Palocci é mais um elemento de pressão pela necessária mudança desta política econômica, a começar pela queda dos juros, mas, sobretudo, na utilização do *superávit primário-parasitário* em investimentos públicos que gerem emprego e renda o mais rápido.

De fato, a grande burguesia tem razão em se preocupar. Não porque o governo Lula represente hoje um conjunto de políticas coerentes, formuladas a partir de diálogo com os movimentos sociais, com os trabalhadores, em sintonia com um programa democraticamente debatido, com a participação organizada da militância. Não é esta razão. A burguesia percebe que a demissão de Palocci ocorre num cenário latino-americano em que, pelas vias mais improvisadas, surpreendendo até mesmo os movimentos transformadores mais conseqüentes da região, estão sendo criadas condições para uma maior intervenção das massas populares, impulsionando a aplicação de políticas antiimperialistas, de maior ou menor grau, com maior ou menor coerência, mas, fundamentalmente, um grande processo de questionamento e reversão de várias políticas neoliberais aplicadas nos últimos anos. A burguesia brasileira e o grande capital internacional têm razão de temer ante a demissão de Palocci.

Alguns elementos indicam que estão sendo construídas condições para uma mudança, ainda que gradual e tímida, na política econômica do governo que prioriza, até então, enormes privilégios para o capital especulativo, os bancos, o agro-negócio. Diferentemente de Palocci, Mântega, embora seja dos economistas mais representativos ao processo de adaptação do PT, como de vários partidos de esquerda no mundo, às políticas de *melhorismo* reformista dentro do capitalismo, ele não fez uma experiência tão radical quanto o ex-ministro, que privatizou quase tudo quando Prefeito, e defendia uma drástica abertura à importação, para destruir o que resta da já combatida indústria nacional.



Camponesas revelam o crime do laboratório da Aracruz Celulose que destrói a biodiversidade e a agricultura familiar

Ao contrário, Mântega, indicando as contradições que se avolumam, descartou a proposta de maior abertura da economia, bem como a de uma nova reforma da previdência e sinalizou com a necessidade de “juros mais civilizados”. A demissão, junto com Palocci, de dois notórios assessores tucanos do Ministério da Fazenda, Murilo Portugal e Joaquim Levy, também reforça a idéia de que não haverá simples continuidade.

O contexto latino-americano e mundial de resistência antiimperialista pesará nos rumos da crise

Aliás, a situação social no Brasil e na América Latina, não aponta para calmarias. O presidente da Bolívia, Evo Morales, já deu início a uma ampla campanha que tem como meta erradicar o analfabetismo em 18 meses, com ajuda de professores cubanos e venezuelanos. E promete nacionalizar o gás e petróleo até 12 de julho. Na Argentina, depois de

continua na página 2

SUPLEMENTO ESPECIAL SOBRE
AMÉRICA LATINA
J. Posadas

VENEZUELA:
Revolução impulsiona a Frente
antimperialista na América Latina

Página 4

ARGENTINA-URUGUAI
A quem serve o conflito
das fábricas de celulose?

Página 5

CULTURAL:
A religião e as lutas sociais
J. Posadas

Página 8

BIOCOMBUSTÍVEL:
Medidas para garantir o avanço

Página 3

“REVOLUÇÃO SOCIALISTA” na Internet

www.revolucaosocialista.cjb.net

Redação: revsocialista@yahoo.com.br

vem da página 1

uma renegociação parcial da dívida externa, em posições soberanas, e de retomar o crescimento produtivo, praticando juros negativos, o governo de Nestor Kirchner reestatiza a empresa de água e esgoto, privatizada na era entreguista de Menem. E na Venezuela, Chávez nacionalizou 32 empresas petrolíferas estrangeiras, e segue insistindo na formação do Banco do Sul, na aproximação com Cuba, na expropriação de latifúndios improdutivos, depois de ter eliminado o analfabetismo em menos de 2 anos, também com a extraordinária solidariedade cubana. A direita é derrotada no Chile, ainda que a nova presidente, Michelle Bachelet, tenha posições reformistas, sua eleição representa uma derrota das forças pró-imperialistas. A aproximação do Chile com a Bolívia, por meio da provável cessão de um acesso ao mar, pode reforçar ainda mais a aliança entre os países sul-americanos e representaria um importante golpe ao imperialismo, que sempre se nutriu destas divergências históricas. Uma outra possível derrota eleitoral do imperialismo e das oligarquias nativas também está se desenhando no Peru e no México.

Com a heróica resistência do povo iraquiano ante a criminoso ocupação, instala-se nova crise nos EUA, acompanhada pelos bravos levantes dos jovens e estudantes na França contra as políticas

neoliberais, assim como por um amadurecimento político das posições do Irã. Não por acaso, o governo nazista de Bush corta no orçamento de saúde e multiplica as verbas para a indústria da guerra, o que vem sendo denunciado pela China e a Rússia, que recém lançou um míssil nuclear intercontinental que não pode ser detectado pelos supostos “escudos anti-míssil”. Esta crise tende apenas ao agravamento e as forças antiimperialistas devem organizar-se em escala mundial, como convocou o presidente Chávez no encerramento do Fórum Social Mundial de Caracas.

O contexto latino-americano e este contexto mundial, de resistências às políticas das transnacionais e do império, indicam que o governo Lula, além das políticas internacionais que já apontam, grosso modo, em maior ou menor escala, mesmo sem ter em certos nexos coerentes entre si, numa linha de soberania e de independência, precisa traduzir tudo isto na política interna, especialmente na anulação imediata de todas as políticas de interesse do grande capital, sustentadas até então por Palocci. A possibilidade para esta correção urgente de rumo pode ser encontrada nestes exemplos internacionais, mas também nas políticas implementadas pelo governador Roberto Requião, do Paraná, onde se fez uma recuperação das empresas estatais, hoje saneadas e lucrativas, possibilitando, por exemplo, que lá se cobrem as tarifas de luz elétrica e de água mais baratas do Brasil, além do programa social que permite que mais de um milhão de famílias usufruam de eletricidade e água tratada subsidiada, com expressivos efeitos positivos na queda da mortalidade infantil, entre outros. Durante a Conferência da ONU sobre a Biodiversidade, foi o governador Requião que desempenhou o papel mais relevante de dirigente político, sancionando a lei que obriga a rotulagem para os produtos que contêm transgênicos, além de estabelecer uma aliança muito significativa e educativa para o governo Lula - com os movimentos sociais camponeses. Com o apoio do governo do Paraná, foi organizada uma conferência paralela que é uma verdadeira escola de quadros revolucionários, discutindo todos os temas da ecologia, da reforma agrária, convocando a sociedade para denunciar e agir contra os criminosos e sinistros planos das transnacionais que pretendem, através das sementes transgênicas, controlar os países, destruir a agricultura familiar e a biodiversidade, e desnacionalizar o território, a ser transformado em grandes “plantations” para abastecer os países imperialistas. A segurança alimentar dos povos ficará sob controle de uma poucas transnacionais, uma questão estratégica que está sendo acompanhada certamente pelas correntes de jovens militares nacionalistas, já influenciados pelo exemplo revolucionário de Chávez.

Aliás, quando as mulheres camponesas organizadas fizeram o ato simbólico de des-



Manifestação do Grito dos Excluídos

O governo precisar abrir o diálogo com os movimentos sociais

truir os laboratórios da Aracruz no Sul, onde são produzidas verdadeiras “*armas de extermínio em massa*” da biodiversidade e da agricultura familiar, estão convocando a sociedade para o debate deste perigosíssimo processo de internacionalização da produção agrícola, da destruição do meio-ambiente, e da imposição de um modelo agrícola que multiplica a fome e o desemprego, e que conta com todo o apoio da mídia capitalista. Aliás, os meios de comunicação públicos, especialmente a Radiobrás, deveriam abrir-se para as grandes lutas populares, ao invés de fazer eco às exigências da mídia comercial, que quer acabar com a Voz do Brasil.

cia de Palocci, até que ela tornou-se insustentável; a direita, na realidade, tenta utilizar a sua saída exclusivamente para debilitar eleitoralmente a Lula, na expectativa de que não haja mudanças na política econômica pró-banqueiros.

O desgaste do prestígio político de Lula sobre camadas da pequeno-burguesia, dos intelectuais e em setores da militância da esquerda não é imaginário, não é artificial, não é apenas criação de um trabalho de mídia e do uso eleitoral das CPIs, como sustenta, para defender-se e justificar-se, a burocracia petista, embora isto também seja verdade.

A direção do PT ignora a militância

A Direção do PT ignora a militância e os 500 mil que votaram na eleição interna do Partido para enfrentar este quadro político. Tal é a sua incapacidade de mobilizar os militantes, de recuperar a vida política democrática do partido, de dar novo oxigênio ao movimento sindical. Depois de tantos anos sufocando o debate de idéias, substituído pelos arranjos eleitorais, controlados pouco a pouco pela infiltração do poder econômico, hoje, há dificuldades reais, objetivas e subjetivas para uma reeducação partidária. Toda esta deseducação praticada pelos falsos dirigentes, estes que se lambuzaram com poder econômico e conchavos politiquieiros, que fecharam os olhos para a cooptação de militantes, que concordaram com as guinadas privatizantes e mercadistas que o PT deu, seja em Ribeirão Preto ou em outras administrações, tudo isto custará muito caro politicamente à história do PT e ao próprio governo Lula. Esta mesma área de burocratas já estava se sentindo novamente com o nariz empinado quando se divulgaram pesquisas indicando que Lula possui ainda expressiva força eleitoral. E já estavam novamente se acomodando na discussão mesquinha de cargos e candidaturas, quando a crise sofreu nova elevação de tom, agora com a demissão de Palocci. Pretendiam fazer da defesa de Palocci, da suposta eficiência de sua política, uma linha para enfrentamento com a oposição conservadora, que também defendia a permanên-

Mobilizar o povo e mudar os rumos da política implementando medidas sociais

O debate central a ser desenvolvido é sobre a necessidade, a possibilidade e a tática para ir organizando uma mudança nos rumos destas políticas que limitaram a relação do governo Lula com as camadas populares, que travaram a adoção de políticas mais audaciosas para implementar medidas de transformações, em especial a reforma agrária, mas também uma política decidida e corajosa de recuperação da produção, de maior presença do estado na economia, única maneira de permitir enfrentar o desemprego crônico, a miséria galopante, a criminalidade assustadora, que jamais será superada adequadamente com a intervenção do exército nas áreas pobres. Deve-se discutir o exemplo da união militares-povo na Venezuela, onde o exército subiu os morros, às favelas, mas levando médicos, instalando postos de saúde, água encanada, eletricidade, documentando, reconstruindo escolas, fazendo obras públicas.

Apesar dos críticos moralistas terem recebido mais munição recentemente, nas toscas manobras feitas para manter Palocci a qualquer preço, e das vozes mais à direita estarem a dizer que “o governo acabou”, é exatamente neste momento de agravamento e de agudização da crise que os movimentos sociais, sindicais, os intelectuais progressistas, a igreja popular, os militares nacionalistas, devem ser convocados pelo

Continua na página 3

J. Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



Expediente

“Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT - Regulamentada junto ao Diretório Nacional
 Continuação do Jornal “Frente Operária”, fundado em 1953.
 Diretor Responsável :
 C. Almeida - Reg. Prof. 049/SP
 E-mail: revsocialista@yahoo.com.br
 Página Web:
 www.revolucaosocialista.cjb.net
 Correspondências :
 Caixa Postal 3516 Cep 70084-970
 Brasília DF

próprio governo Lula para debater que rumos o país deve adotar. Já está claro que as políticas monetaristas não promoveram nenhum crescimento, nem recuperaram a produção, nem geraram emprego em massa como se prometeu. E há projetos que ainda não foram devidamente considerados com toda a atenção pelo governo que têm sim a capacidade de gerar emprego a curto prazo, a começar pela reforma agrária e pela realização de obras públicas de grande escala, como um programa popular de habitação, de urbanização, de saneamento básico. E há hoje cerca de 250 bilhões de reais depositados no Banco Central, capital estéril, o que é acintoso quando faltam recursos para salvar vidas de brasileiros que ainda catam comida no lixo, que não têm trabalho, que vivem em barracos pendurados em barrancos que despencam nas chuvas e enxurradas!

Enquanto isso, o Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, lança uma proposta de aliança do PMDB com o PSDB e o PFL já no primeiro turno das eleições e declara abertamente o seu apoio a Alkmin para

presidente. Este é um perigo real que pode ser resolvido da crise do próprio PMDB, transformando a sua atual fragmentação num surto de unidade. Afinal, este já tem ampla experiência de “governabilidade” com o PSDB e o PFL. Seria um golpe mortal para a tentativa de reeleição de Lula.

Enquanto isso, a cúpula petista continua tentando conchavos quase indecifráveis com os peemedebistas de centro-direita, ao invés de buscar uma relação política lógica e coerente com os nacionalistas da ala de Requião e de Carlos Lessa, aliás demitido equivocadamente do BNDES. A aliança fundamental a ser feita é com os movimentos sociais, com os sindicatos, esta é a base fundamental, mas também com os pequenos empresários, pequenos produtores rurais, militares nacionalistas - que apóiam a proposta de Lula para reerguer, junto com a Venezuela e a Argentina, uma indústria bélica do Sul, recuperando o que foi arrasado na *privataria* de FHC.

Mas não é suficiente, é preciso mobilizar a população, as camadas populares, os

trabalhadores, por meio da extensão dos programas corretos que o governo Lula vem adotando, como o Luz para Todos, a recuperação da indústria naval, e a estruturação de programas que precisam ganhar maior presença e prioridade do Estado, como o programa do biodiesel, que pode gerar muitos empregos e ser realizado em combinação com a reforma e transformação agrárias, com a instalação de escolas, serviços de saúde, transporte, apoio técnico ao trabalhador rural hoje na mendicância, o que se constitui num verdadeiro crime social num país com as potencialidades que o Brasil possui.

Sem mudanças nos rumos destas políticas de cunho neoliberais ou que beneficiam o agronegócio, realmente, a crise social tende a agravar-se, havendo sim a possibilidade de reversão de uma expectativa eleitoral que ainda registra possibilidades para uma vitória de Lula. É preciso contar que o imperialismo não vai ficar parado, que a grande mídia capitalista irá fazer seus escândalos e manipulações, e que tem muito material para isto, ou, se não tiver, inventa.

A única alternativa possível seria multiplicar de forma muito mais decidida – e rápida – os recursos destinados às políticas públicas, o que inevitavelmente levaria a um choque com os segmentos do capital que até o momento foram favorecidos pelo governo Lula. Se não houver, portanto, uma guinada em direção a um diálogo aberto e cooperativo com os movimentos sociais, visando à mobilização do povo, em defesa de políticas que muito mais rapidamente permitam que as grandes massas sintam progressos palpáveis na melhoria de suas condições de vida, com trabalho, com escola, com serviços de saúde adequados, com aumento substancial do salário mínimo etc., realmente, **o risco de uma derrota eleitoral existe**, e com isto, a interrupção de uma condição em que o Brasil deixou de ser, parcialmente, um aplicador de políticas do grande capital imperialista. A alternativa está em seguir os exemplos das mudanças que vêm diariamente dos governos e dos povos em luta contra o imperialismo.

07/04/2006

Biocombustível: medidas para garantir o avanço

A conjuntura internacional, com o elevado preço do barril de petróleo, as previsões de seu esgotamento para os próximos 40 anos, a necessidade de se baixar o nível de poluição, as guerras em torno da posse das escassas reservas do petróleo, está colocando no colo do país a possibilidade de ser um dos maiores produtores de energia renovável do mundo. Temos terra, sol, água e uma população em condições superior a qualquer país do mundo para produzir uma energia renovável e limpa.

Entretanto, a história do Brasil está repleta de possibilidades que não se reverteram a nosso favor. O ciclo das capitâneas hereditárias mantém a concentração da terra até hoje. Foi-se o ciclo do ouro, do pau-brasil, da borracha, da cana-de-açúcar, da mineração, e mais recentemente, da especulação financeira e do agronegócio. Este país é o país em que se plantando tudo dá. É um país maravilhoso mas cheio de miséria e desigualdades sociais. Cabe perguntar se o programa de biocombustíveis será um projeto para o povo e a nação brasileira ou será mais um programa a ser expropriado pelas transnacionais.

Quando se fala em energia, estamos falando de poder mundial. Este segmento da economia deve ser tratado como área de segurança nacional frente à estratégia do poder imperialista. As últimas notícias dão conta da movimentação do homem mais rico do mundo, Bill Gates

da Microsoft, em querer investir no Brasil para produzir biocombustível. As usinas de álcool estão, paulatinamente, sendo desnacionalizadas. Se as grandes potências imperialistas fazem guerras em torno do petróleo, será ledão engano acreditar que não farão guerras em torno das águas, do território e da bioenergia. E já o estão fazendo, como a ocupação do Aquífero Guarani.

O Presidente Lula, acertadamente, tem buscado criar condições para o desenvolvimento do biodiesel. Entretanto, as ações interministeriais estão dispersas, lentas, sem o devido investimento em pesquisa e tecnologia. E com erros primários, como optar pela mamona como a oleaginosa carro chefe do biodiesel. A mamona tem excelentes qualidades, não para produzir biodiesel, mas para a risonoquímica. Distribuiu-se sementes de mamona em várias regiões, e na seqüência, dobrou-se a produção, que não teve compradores e o produtor ficou a ver navios. Entretanto, podemos citar uma gama enorme de oleaginosas que podem ser plantadas ou colhidas através do extrativismo, como o pinhão-manso, babaçu, dendê, amendoim, a macaúba, o girassol, nabo forrageiro dentre outras. No mesmo dia em que nosso Presidente Lula, inaugurava o Projeto do Biodiesel no Piauí, a Brasil Ecodiesel vendia suas ações para um banco alemão.

Para se produzir biocombustível em quantidades que o mundo está deman-

dando e o Brasil precisa – podendo inclusive exportar petróleo e utilizar o biocombustível – serão necessárias grandes extensões de terra. Está nas nossas mãos o poder de desenvolver um projeto ecologicamente correto e sustentável. O país se vangloria da capacidade de exportar alimentos através do agronegócio, mas está fechando os olhos para os estragos ecológicos. São grandes extensões de matas derrubadas, nascentes de rios destruídos e as águas contaminadas por produtos venenosos. Estamos assistindo a devastação da Floresta Amazônica. O fenômeno cresce exponencialmente, como se viu na seca que assolou a região em 2005.

Estamos colocando em perigo o equilíbrio natural do meio ambiente por meio do desmatamento, da expansão agrícola, da abertura de estradas de forma incorreta, da urbanização e de vários outros processos de transformação antrópica da paisagem, que alteram os ciclos biogeoquímicos e o ciclo da água.

O programa de biocombustível precisa incorporar as preocupações quanto às dificuldades de logística no país. A agricultura brasileira saltou de 83 milhões de toneladas em 2000 para 113 milhões de toneladas em 2004/05. Vivemos uma situação crítica para o escoamento da safra, onde a predomina o uso de rodovias, associado a péssimas condições das estradas e da frota, a deficiência de armazenagem, o gargalo nos portos, provocam enormes perdas

na safra. O IBGE detectou que anualmente são perdidas aproximadamente 10 milhões de toneladas de grãos nesses processos. Assim, pode-se afirmar que a cada 10 anos uma safra inteira é perdida.

Não há uma política de nação nestas áreas. De um lado se aprova uma Lei de Gestão de Florestas Públicas, pensando-se em desenvolvimento sustentável, mas abrindo as portas para a internacionalização da Amazônia. Permite-se a produção de alimentos transgênicos no país.

Está na hora do Brasil, do Governo Lula repensar suas várias políticas, inclusive o programa de biocombustível, tornando-o um programa estratégico de nação, juntamente com um programa audacioso de reforma agrária e ocupação do território nacional. Centralizar suas ações numa única empresa, com poder de comando e com caráter nacional, a exemplo da criação de estatais que no passado que foram os pilares do desenvolvimento do país. O neoliberalismo é a antítese deste modelo de desenvolvimento. O governo, as lideranças políticas, os técnicos têm entender que são os movimentos sociais os nossos parceiros prioritários. Precisamos serrar fileiras em torno de um programa de transformações sociais para o Brasil. Estes são os compromissos que os povos estão esperando para um segundo mandato do Presidente Lula.

30/03/2006

VENEZUELA: A revolução impulsiona a Frente antiimperialista na América Latina



O presidente Hugo Chávez na sua transmissão dominical do "Alô Presidente" incansavelmente acompanha e discute com o povo as suas medidas revolucionárias

Éis aí a Venezuela, esse pequeno país do continente latino-americano, cuja riqueza não é somente o petróleo, mas a inteligência de um povo que engendrou esse vulcão revolucionário, o presidente Hugo Chávez que ressuscita Simon Bolívar e todos seus ideais revolucionários e os estende às necessidades atuais do socialismo do século XXI.

O processo revolucionário na Venezuela avança a saltos e é hoje a força motriz fundamental, ao lado de Cuba, que estimula movimentos e novos governos populares e revolucionários como o de Evo Morales na Bolívia, Preval no Haiti, Michelle Bachelet no Chile, tecendo esta potente Frente antiimperialista junto com o Brasil, Argentina e Uruguai, jamais vista nas últimas décadas.

A Venezuela, é um processo revolucionário imenso que transborda para todos lados, mas com um centro, com uma ordem e direção, suprimindo a falta de um partido que a tradição das lutas no país não lhes brindou a tempo. Chávez é um militar sim, mas de estirpe nacionalista e revolucionária que numa América Latina expoliada durante 5 séculos de colonialismo, décadas de imperialismo norte-americano, e ditaduras burguesas, não hesita em estar

ao lado dos pobres, camponeses e operários.

Chávez se antecipa ao déficit histórico da organização popular, mas se impõe pelos meios democráticos eleitorais de 98 e o plebiscito de 2004 e imprime rapidamente um processo de grande mobilização popular: missões Robinson (alfabetização), Ribas (segundo grau), Sucre (universitário), Mercal (alimentos), Barrio Adentro (saúde). Em 7 anos a Venezuela é já território livre de analfabetismo. As massas pobres mantidas por décadas na obscuridade e numa sufocante opressão econômica e social pelos magnatas do petróleo encontram-se em plena efervescência. Cumpriram-se 7 anos de governo bolivariano com importantes medidas, planos sociais, de casas populares, e a reforma agrária não fica no papel. Agora, também dito pelo vice-presidente se reitera que é o momento de passar do governo ao poder. Essa é a tarefa para esta nova fase. Por isso, a guerra à corrupção e o ataque à burocracia inoperante é a tônica constante nos discursos incansáveis de Chávez nas assembleias populares, e no seu programa televisivo dominical "Alô Presidente". E agora ele chama a todos, homens e mulheres a alistarem-se na reserva, ao que respondem milhares, inclusive mulheres dispostas a defender

a pátria. A Reserva Militar é uma união cívico-militar, metida nos movimentos sociais, camponeses, sindicais, estudantis e barriais. A Resistência Nacional é a guarda territorial. Enfim, a defesa da revolução bolivariana se está dando em todos os níveis.

A urgência da mobilização popular para cumprir metas estabelecidas, responde à consciência de que é preciso impedir que ocorra um novo Chile. A burguesia instigada pelo governo norte-americano ataca desesperadamente através da sua mídia, e prepara golpes contra os quais Chávez chama o alerta total, como o fez desde a tribuna do VI Fórum Social Mundial em Caracas. Disse na comemoração dos 7 anos de governo: "Devemos fazer a guerra preventiva, antes que nos destruam com a guerra". "Socialismo ou morte!".

4 de fevereiro: O povo venezuelano em pé de luta para atingir 10 milhões de votos em dezembro 2006.

Na marcha de 4 de fevereiro, comemorando o levante militar revolucionário de 1992, quando caiu preso Chávez, mais de 1 milhão de venezuelanos em Caracas; camponeses, operários, estudantes, professores, médicos e portadores de necessidades especiais demonstraram um gigantesco apoio à revolução bolivariana. Confirmam que o apoio não é somente eleitoral, mas à revolução. Chávez chama a uma campanha para atingir os 10 milhões de votos nas eleições de dezembro de 2006, que os pobres consigam o título de eleitor, e que cada um se ocupe de convencer 10 a participar das eleições, para que não deixem de votar, para que não se abstenham como na eleição legislativa do ano passado.

Em janeiro se completaram 7 anos de governo bolivariano. Chamou-se à ampla mobilização popular para viabilizar novas medidas aprovadas: 15% de aumento do salário mínimo,

maior que a inflação de 11% (em casos de funcionários públicos, quanto menor é o grau, maior é o aumento, chegando em casos de 35%, incluindo os retroativos). Subsídio de 80% do salário mínimo a mulheres desamparadas e abandonadas pelos maridos: meta de beneficiar a 100.000 neste ano, a serem indicadas pelos próprios comitês locais; aumento da



Missão Milagre: enfermos de doença ocular viajam a Cuba para cura gratuita

aposentadoria dos idosos; fim do imposto do débito bancário (tirando os recursos dos ricos, aumentando os impostos das grandes riquezas); construção de dezenas de unidades hospitalares, casas, de ajuda às rádios e TVs comunitárias. A burguesia ataca dizendo que isso é campanha eleitoral, quando Chávez simplesmente está aplicando tarefas do seu governo revolucionário constitucionalmente referendado.

Os Deputados da Assembléia Constituinte devem render contas ao povo, indo sábados e domingos nas localidades, e cidades sob forma de assembleia popular.

A Venezuela conta com Cuba que está do outro lado do mar, mas também está dentro, com mais de 10 mil médicos cubanos que atuam com assistência gratuita através de ambulatórios abertos por 24 horas nos bairros pobres. A presença dos russos também não é indiferente: além dos kalashnikovs vendidos, oferecem serviços de manutenção dos fuzis. Recentemente acabam de firmar um acordo onde os russos contribuirão com 3 helicópteros MI-17 para a Defesa Nacional.

Vem da página 4

A Operação Milagre propiciada pelos cubanos levando 100 mil pobres com doenças oculares graves para curar-se gratuitamente em Cuba e com ajuda da Venezuela, não é mais um milagre, é uma realidade que somente a revolução socialista pode concretizar.

A consciência de Chávez de que não é possível o socialismo num só país é a base que o empurra a ser um eixo articulador dessa poderosa frente-antimperialista na América Latina e no mundo. Seus braços vão até o Irã, solidarizando-se com o povo iraniano contra o ataque infame do império norte-americano e da vacilação da burguesia européia que pensam reproduzir no Irã, a carnificina do Iraque. É exemplar a solidariedade de Chávez aos povos dos Estados Unidos, ao movimento da Cindy, mãe coragem; e às vítimas de Nova Orleans, fornecendo combustível gratuito às escolas e hospitais através da filial de PDVSA.

O gasoduto que se construirá partindo da Venezuela, passando por Manaus, Recife, Brasília, Rio de Janeiro e unindo Bolívia, Argentina, Uruguai e Paraguai, são veias unificadoras de gás e revolução. Eis aí as bases para uma Federação dos Estados Revolucionários da América Latina. A planificação conjunta, energética, agrícola e alimentar, cultural, passam pela Petrosul, a Alba, a Telesul, e requerem uma estrutura de Federação de Estados Revolucionários da América Latina.

O processo eleitoral no Brasil tem que receber a força dos ventos que vem da América Latina. Evo Morales iniciou ontem o seu governo e já tem um programa de alfabetização de 1 milhão em 30 meses e trata de não pagar a dívida externa.

Essa frente antimperialista é estratégica e fundamental para a defesa de Cuba, para o triunfo da revolução venezuelana, boliviana e para a esquerdização de todos os demais governos como o do Lula. Não se pode tomar medidas econômico-sociais, bem como posições eleitorais no Brasil que debilitem essa grande cadeia antimperialista. Chávez citou no VI Fórum Social Mundial a vigência de Marx. E Marx disse: “proletários de todo o mundo, uni-vos!”

A quem serve o conflito argentino-uruguaio sobre as fábricas de celulose?

Do discurso do presidente Kirchner pronunciado no dia 1º de março de 2006 por ocasião da abertura do período de Sessões Ordinárias do Congresso Nacional, a mídia em geral destaca os cinco minutos de improvisação referentes ao litígio com Uruguai pelas fábricas de celulose que consórcios internacionais estão instalando nas margens do rio Uruguai, manancial de água compartilhado com a Argentina.

Falou-se e escreveu-se muito sobre este problema, desde o fracasso das gestões do governador da Província de Entre Rios (Argentina), Busto, para conseguir o estabelecimento das referidas empresas na costa argentina e sua reação, estimulando a mobilização da população da cidade de Gualeguaychu para bloquear as pontes que unem essa cidade com o Uruguai.

Seja verdadeira ou não esta versão, o problema se complica notavelmente, principalmente porque no meio disso tudo se encontra como eixo central a continuidade ou não do progresso do MERCOSUL. Este é o detalhe fundamental, porque sobre a perspectiva da subsistência deste organismo se desenvolve um pólo antimperialista, especialmente anti-ianque, que se lançou com a Revolução Cubana e se estendeu com a Revolução Bolivariana na Venezuela e participam Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai de maneira ambivalente como consequência de suas contradições.

O problema deve ser visto desde esta ótica: o imperialismo manobra para desintegrar este bloco, contando para isso com a aprovação de setores políticos e das burguesias que antepõem seus interesses particulares ao projeto do MERCOSUL e da integração da América Latina. Esta é uma crise que leva a América Latina a um ponto de inflexão, o que se nota na preocupação que reina nas duas populações.

Kirchner tirou do bolso a sua proposta de suspender as obras por noventa dias e designar um ente misto para determinar o grau de contaminação que produz a produção de celulose. Proposta já rechaçada pelo governo uruguaio.



Kirchner propõe a suspensão das obras em um acordo. Não há outra saída que resolver a questão no MERCOSUL

Mas, porque se lançou esta controvérsia meses depois de se estar construindo as fábricas de celulose, quando já os governos da Argentina e Uruguai, desde muito tempo atrás, conheciam o projeto da obra? Qual é o significado político disso? Diante da justa reclamação ambientalista de não permitir a contaminação das águas se acentua o nacionalismo e até o chauvinismo. Com quê fim? Justamente, que cada um se arranje por sua conta e à sua maneira. Então, de quê integração estamos falando? A situação se agrava porque as iniciativas na defesa dos supostos interesses nacionais são apoiados no Uruguai pela Direção da CNT contrariando uma Resolução de um Plenário Nacional que rechaçou, por unanimidade, o prosseguimento dessas obras contaminadoras. Na Argentina, ocorre algo semelhante: o apoio às mobilizações de Entre Rios pela defesa da saúde, o ambiente e o turismo.

As velhas e novas – cronologicamente falando – direções políticas de ambos os países têm um mesmo objetivo, subordinar o MERCOSUL a seus respectivos interesses. Portanto, como a crise social é crescente em ambos os países, só sabem aplicar a fórmula tradicional do capitalismo, potenciada na época do imperialismo: “Para dar trabalho é preciso investir” e nos tempos que correm onde a economia está monopolizada por poucos consórcios financeiros, não se encontra outra saída que assegurar ao imperialismo os seus investimentos e o nível de benefícios concordados.

Aqui na Argentina, desde o fechamento das linhas ferroviárias e as concessões feitas às grandes companhias petrolíferas durante o breve mandato de Frondizi e seguido pelo General Onganía na década de 60, começa o grande engodo do “esvaziamento das empresas nacionais” como foi a da têxtil

“Campomar”. Depois vem o curso ascendente desta política com a ditadura militar e por fim com o menemismo. No programa dos governantes destes países se recalca constantemente este critério: “que com a chegada das grandes inversões se reverte a curva do desemprego e da crise.” É uma velha história” que sempre traz aparelhado um retrocesso na saúde e na vida econômica, social e cultural das massas.

Mas ainda não está dita a última palavra porque Chávez exerce hoje a liderança dos países da América do Sul e provavelmente intervirá para dar uma saída para essa controvérsia. Repetimos que não foi dada a última palavra dado que o MERCOSUL e a ALBA são duas entidades que asseguram a independência absoluta do continente sul-americano. Se a miopia política não permite compreender isto ou não o aceita, deixa o campo livre ao imperialismo.

Portanto este enfrentamento político entre o Uruguai e a Argentina deixa de lado o MERCOSUL, sendo assim porque o mandato das urnas é um cheque em branco e dentro do campo político pesam muito os interesses do imperialismo e das próprias burguesias nacionais e a burocracia político-sindical. É preciso tirar uma conclusão deste enfrentamento entre uruguaios e argentinos. É preciso um MERCOSUL e uma INTEGRAÇÃO LATINOAMERICANA onde preponderem representantes populares capazes de organizar uma PLANIFICAÇÃO DA ECONOMIA para todas as massas populares deste continente, porque senão vamos correr atrás do carro das necessidades.

(do nosso correspondente na Argentina)

**Leia e Difunda
BRASIL DE FATO
assinaturas@brasildedefato.com.br**

O Irã e os planos de guerra do imperialismo norte-americano

O imperialismo está buscando qualquer desculpa para impor o embargo ao Irã e sufocá-lo economicamente, dividindo os países do mundo sobre esta questão como parte dos planos de guerra que lança para a própria sobrevivência. Estão ameaçando o Sudão, a Síria, o Líbano, a Coreia do Norte, a Venezuela, a Bolívia, Cuba; agora a Condolência Rice começa a morder o gigante chinês.

A pressão contra a aliança sírio-libanesa provocou inicialmente a sua separação e depois as lacerações internas sobretudo no Líbano. Mas os 400 dirigentes e delegados dos 100 partidos do mundo árabe concluíram a própria reunião em Damasco reafirmando que os planos do Grande Oriente Médio dos Estados Unidos é um plano colonialista e o condenaram, chamando a uma próxima reunião dos governantes do mundo árabe a apoiar a luta armada dos povos palestino libanês. Os protestos dos partidos políticos libaneses contra as provocações imperialistas para dividi-los continuam e Vahid Jumblat, "socialista", não pode fazer nada para desarmar o Hezbollah libanês que havia lutado e expulso os fantoches de Israel do sul do país. E no Iraque, cada proposta ou provocação de Zolmad Khalilzad, embaixador dos Estados Unidos de origem afegã, torna-se um boomerang e provoca reação contrária. Este está tentando eliminar o atual primeiro ministro Ibrahim Jafari, aliado do Irã, e provocar uma guerra civil entre os vários componentes étnico-religiosos iraquianos como a continuação das provocações do tipo "ofensa a Maomé", ou da explosão do mausoléu do Imam xiita e outras do mesmo gênero contra os sunitas. O resultado foi a prece conjunta dos dois componentes muçulmanos depois das grandes manifestações das massas iraquianas e do mundo muçulmano; foram os apelos de unidade contra a provocação e as cunhas que querem impor para separar os dirigentes curdos da atual aliança para provocar uma guerra de tribos e etnias. Então, continuam os massacres e as destruições. Entretanto,



IRÃ
"Os Estados Unidos têm músculos fortes mas também osteoporose"

Presidente
Mahmoud
Ahmadinejad

Teherã:
08 de março de
2006

to, os ianques se aundam mais ainda no pântano que criaram.

A brutal pressão do Estado de Israel contra as massas e as organizações palestinas, até a eliminação física de Arafat, que cumpria uma função de medidor, levou ao contrário, à vitória de Hamas que, bem calejado nas batalhas das massas palestinas, não aceitou o convite dos dirigentes russos a reconhecer o Estado Sionista; ao contrário, exigem o retorno das massas palestinas no exílio, a derrubada do muro da separação, e outros pontos decisivos da luta de liberação dos palestinos. Além disso, as eleições políticas do parlamento afegão não se deram como desejavam os imperialistas e foram vencidas pela maioria das forças islâmicas da resistência. No Paquistão também houve grandes manifestações ant imperialistas contra a visita de Bush na Índia; e as viagens de Dick Cheney e da "Condolência" Rice na Arábia Saudita e no Kwait não representaram um êxito como esperavam.

A questão nuclear foi montada de propósito e agigantada pela falsa suspeita de arma nuclear e com o

processo às intenções fazem a mesma provocação que fizeram para atacar o Iraque. Basta isso para provocar uma crise internacional e envolver tudo e todos sem limites. A questão envolve a Rússia porque a sua proposta a favor de uma atividade reduzida da pesquisa com fins pacíficos no território iraniano foi reprovada pelos Estados Unidos. A Rússia não pode permitir uma base militar americana no seu ventre e um outro Iraque no Irã. O comportamento da Rússia e da República Popular da China não será determinado somente pelo volume de negócios nos Estados Unidos e na Europa comparados ao Irã. O Irã faz parte da sua estratégia e qualquer cedimento sobre o mesmo será um cedimento contra a sua própria existência como tal. Podem tentar qualquer conciliação no campo diplomático, mas não estamos mais na época de Gorbaciov que cedeu a República Democrática Alemã ao capitalismo, nem o Irã é o mesmo dos governos precedentes que trataram a rendição do Afeganistão e do Iraque. Por isso os Estados Unidos tratarão agora de contornar o Conselho de Seguran-

ça da ONU e provocar algo sério contra o Irã e internacionalizar a crise. O Irã protesta contra o apartheid nuclear e afirma que quando os países industrializados estiverem em condições de dispensar o consumo do petróleo, eles imporão altas taxas contra o consumo e colocarão de joelhos os que não têm energia nuclear. Portanto, o Irã quer continuar a atividade nuclear e dá uma importância nacional equivalente à luta pela nacionalização das indústrias petrolíferas dos anos 52 com Mossadegh.

Mas o Irã, com todas as fortes contradições internas e a existência das forças que colaboram com o imperialismo, aguentará a pressão imperialista ou se romperá por dentro? Aqui houve fortes manifestações, as maiores desde o início da revolução de 1979 no sentido anti imperialista e anti-sionista na defesa da energia nuclear com fins pacíficos. Isso debilita as forças próximas aos interesses do mercado imperialista. Entretanto, estas são também forças significativas, aninhadas dentro do aparato do Estado e na economia capitalista e do mercado livre, que, derrotadas nas últimas eleições que levaram Ahmadinejad à Presidência, fazem o possível para neutralizar os esforços do novo governo junto à população e às regiões sub-desenvolvidas. Isso demonstra antes de tudo a impossibilidade que um tal sistema possa ser reformado até as últimas consequências e que são necessárias medidas revolucionárias e anti-capitalistas estruturais que não estão absolutamente fora das possibilidades mas que para serem aplicadas requerem programa, organização, partido e política revolucionária e homens audazes que os levem adiante com muita decisão e convicção.

E este pequeno homem que é menos da metade de Chávez, tem um temperamento, uma energia e uma enorme experiência. O mesmo dá uma nova definição do "gigante imperialista norte-americano com músculos fortes, mas com osteoporose". Ahmadinejad viaja pelo país, salta os obstáculos e apesar da oposição dos burocratas, organiza reuniões de governo nas capitais das regiões e das províncias junto aos responsáveis locais, os presidentes regionais que são como o braço estendido do governo na zona; organiza de perto a situação e decide o financiamento dos planos regionais começando pelas re-



O povo iraniano mobiliza-se pelo governo de Ahmadinejad e contra que o Irã seja um novo Iraque.

giões mais marginalizadas. E as massas populares intervêm massivamente para apoiá-lo e encorajá-lo. Hoje, na capital de uma das regiões mais sub-desenvolvidas diante de tanta gente animadíssima, declarou: “mesmo sem o dinheiro e com a caixa vazia, virei, como operário, escavar e construir com vocês...”. Populista, bonapartista, agitador ou não, transmite a decisão de ir adiante a todo custo, em simbiose com a população e as necessidades do país. O poder judiciário continua a ser sobretudo uma estrutura fechada e a sua cumplicidade com os interesses dos grandes da economia continua. É um dos obstáculos mais decisivos ao novo curso revolucionário no Irã, mas vai cair. Dado o que o aluvião que virá arrastará tudo e todos, tratam de abrir a janela devagarinho e tacitamente.

O Irã está fazendo uma experiência concentrada. O parlamento aprovou uma decisão importante que reverte a do governo precedente. De agora em diante a Companhia Nacional do Petróleo, que se comporta como se fosse privada com as contas, atos e pactos secretos, deve depositar 94% dos lucros das vendas de petróleo não mais nos bancos exteriores, mas nos nacionais. O diretor do Banco Central do Estado se havia oposto a que os 42 bilhões de petrodólares iranianos, depositados no exterior fossem transferidos ao país. Então, enfrentamos a questão dos bancos: à grande fuga de capitais, à paralisia da liberação de fundos para regiões para responder aos programas e aos compromissos assumidos por Ahmadi-nejad com a

população. O governo deve retomar o controle do Banco Central e mudá-lo. Torná-lo público, eliminando o segredo bancário, apropriar-se do lucro e colocá-lo a serviço da população e da atividade produtiva pública e das cooperativas. Enquanto isso já criaram o Banco das Cooperativas. O Estado tem enormes dívidas em relação aos próprios entes como a indústria da energia elétrica, a previdência, os agricultores, às fábricas e outros. Por um lado proibiram para sempre novos contratos com as fábricas privatizadas que não paguem por inteiro o salário dos operários. Por outro começa a ceder as próprias indústrias aos devedores e vender as ações. As privatizações não se dão como antes quando na prática os centros produtivos vinham concedidos quase grátis aos filhos dos patrões. Ao contrário, algumas daquelas concessões são agora colocadas sob acusação por parte das organizações de controle através das quais o governo está pressionando sobre o poder judiciário a fim de que cumpra o seu dever. Enquanto isso, são concedidas ações das fábricas à população das regiões pobres.

A Organização de controle denunciou recentemente um acordo pela venda do gás natural entre os ex-responsáveis iranianos e os Emirados Árabes Unidos a um preço irrisório. O acordo foi assinado entre a companhia iraniana e uma Crescent fantasma que após ter embolsado os seus 4 bilhões de dólares cedeu a uma outra iraniana, a privada Danagas, da qual um único iraniano possui ações equivalentes

a um bilhão de dólares. Esta companhia está presente na Bolsa de Dubai, mas desde quando o acordo foi colocado sob acusação e tudo indica, anulado por parte do governo iraniano, a Bolsa de Dubai caiu e a veia aberta foi recosturada.

O governo, depois de tantas pressões internacionais feitas contra as iniciativas e declarações de Ahmadinejad, por exemplo contra o Estado de Israel e a questão do Holocausto, agora retoma a iniciativa a todo vapor. O apoio da Venezuela e de Cuba ao governo do Irã sobre a questão da energia nuclear foi importante e decisivo pelo seu prestígio internacional. O líder do parlamento iraniano e a esposa, coberta com o traje islâmico, foram acolhidos com todos as honras por Chávez e Fidel, enquanto que Haddad Adel esteve também no parlamento brasileiro e elogiou a revolução bolivariana, a cubana e as lutas conduzidas por Che Guevara, Fidel e os povos latino-americanos pela própria independência contra o colonialismo. Não falta muito para Ahmadinejad fazer o mesmo.

Se não ocorrer o irreparável, o governo passará logo a ações radicais e estruturais. Desde ontem todos os privilégios e as várias facilitações aos grandes senhores para acessar os financiamentos e concessões fáceis foram cancelados. No campo social, o salário base dos operários foi aumentado, após tantas discussões, em 23% comparado com os 12,5% da inflação oficial. As aposentadorias foram igualadas ao nível máximo e o ministério da agricultura a partir de agora, faz a compra garantida dos produtos agrícolas, os paga imediata e diretamente a um preço maior. A aquisição direta dos produtos agrícolas existe há muito tempo e no início significou uma proteção aos agricultores, mas depois, foram impostos de modo vergonhoso preços reduzidos até abaixo do custo de muitos agricultores e, naturalmente os menores e mais fracos sucumbiram, dando campo às importações. A máfia dos mercados agrícolas, do cimento e do combustível, contrabandeando ao exterior está ainda viva e atuante. A falta de clareza sobre o que fazer, e as suas lutas internas não os conduziu todavia à dissolução. Mas, até a revolução iraniana é como uma bicicleta: se não vai para a frente, cai. Não só isso; deve correr mais rápido dos seus inimigos e decidir as ações a tempo, caso contrário cai.

(Do nosso correspondente no Irã)

Religião
Vem da página 8



Foto Carlos Silva/AE

Madre Dorothy Stang dedicou sua vida na luta pela reforma agrária

vida, que é estabelecida pela Igreja, em representação da propriedade privada. E não fez nenhum ataque contra o socialismo, o Estado operário ou os erros cometidos pela burocracia: nenhuma palavra! Nada o impedia, pois ele tinha mil formas para falar (2). O Papa também foi ao México e pensou que tinha conquistado os camponeses. Quando ele disse: “*Há alegria na choça dos pobres*”, o mandaram à merda e o insultaram! Ele teve que convocar uma nova reunião no dia seguinte, para retificar o que havia dito.

A Igreja age desta forma para defender a estrutura de casta que já possui, que, apesar de ser dependente da propriedade privada, nem sempre depende dos mesmos interesses imediatos da propriedade privada. É preciso lembrar que há diferença entre este Papa e Pio XII, que benzia os canhões de Mussolini, e que tinha cara de assassino, mãos de ladrão e olhos de tarado.

Mas não se deve medir a atitude da Igreja apenas pelo que este Papa está fazendo, e sim pelo fato de que há dentro dela uma ala que se expressa nos Concílios, nas reuniões (que não são públicas) e que está contra a propriedade privada e apoia os Estados operários. São, quase todos, setores da África e da América Latina, apesar que também da Europa. Isto constitui um movimento favorável à luta anticapitalista e que os comunistas não sabem utilizar. Influenciam eleitoralmente, mas não têm posição frente a este processo interno na Igreja.

J. POSADAS
3 de agosto de 1980

(1) Ditador que se manteve no Vietnã do Sul até ser derrubado pelos guerrilheiros vietcongs.

(2) Refere-se à primeira viagem do Papa, em 1979

A religião, o progresso social da história e o socialismo

J. Posadas

Republicamos este texto de J. POSADAS de 1980 pela sua atualidade na interpretação da atuação dos movimentos religiosos na luta revolucionária. Desde então até o presente século XXI, a história continuou o seu curso, apresentando exemplos vivos no Brasil da participação nas lutas sociais de correntes significativas da Igreja católica como a da Teologia da Libertação dirigida por Leonardo Boff, Frei Beto e expoentes importantes da CNBB como Dom Pedro Casaldaliga, Dom Helder Câmara, Dom Tomás Balduino, Dom Mauro Morelli, madre Dorothy, a Pastoral da Terra e tantos outros. A agudização da luta de classes mundial dá relevo também à rebelião das massas muçulmanas no Oriente Médio, notadamente no seu rechaço à provocação à imagem de Maomé, na esquerdização antimperialista do povo iraniano e na resistência palestina e iraquiana. O capitalismo está instigando o confronto entre diferentes etnias e religiões, de xiitas contra sunitas no Iraque quando elas já chegaram à conclusão de que há que acabar com o imperialismo, porque emana guerra, desunião, individualismo, o oposto dos preceitos religiosos de fraternidade e paz. O texto faz parte da apresentação a um livro, publicado na Espanha que inclui vários outros artigos do mesmo autor.

Estas análises têm com o objetivo fazer um apelo e impulsionar os partidos comunistas dos chamados países socialistas a intervir ativa e conscientemente sobre este problema. Um dos acontecimentos mais importantes sobre o qual intervir é o Irã. Não apenas o Irã, mas todos os países desta região: Iraque, Síria, Turquia, Afeganistão. São países onde o problema fundamental é a religião – essencialmente islâmica. – com toda a divisão em seitas religiosas e o poder das altas cúpulas feudais sobre camadas pequeno-burguesas e toda a população nômade e camponesa.

Nesta problemática também se inclui a religião católica e hebraica, além da presbiteriana e evangélica. Porém, estas não contam tanto porque têm menos peso no problema da religião. Os setores mais importantes são os da religião católica. Neste processo as massas superam completamente todas as suas direções. Vejam o Irã, o Afeganistão, a Argélia, a Líbia e o Líbano, onde estão ocorrendo, progressivamente, mudanças profundas no movimento islâmico e também na direção da Igreja católica. O poder da igreja desde a católica, islâmica, hebraica ou ortodoxa, decaí à medida que aumenta a participação das massas do mundo na luta pelas transformações sociais.

Na China, há uma infinidade de seitas, de grupos, como havia na URSS antes. Portanto, temos que ver como ajudar os partidos comunistas a levar uma política mais audaciosa do que a que eles levam



Mohammad Berna

com relação aos movimentos religiosos procurando dissolver a frente entre as cúpulas religiosas (sobretudo as católicas) e o capitalismo; em vez disso, a tática deve ser a de alentar uma parte das direções católicas (não só militantes e setores de base) para que sejam ganhas pelas idéias socialistas.

A função das cúpulas da Igreja continua sendo a de “ópio dos povos”, mas cada vez há menos ópio para distribuir, e aumenta a quantidade de pessoas que não se deixam enganar pelo ópio. O princípio de Marx de que a religião é o ópio dos povos se mantém, mas é preciso basear-

se no fato de que a função da religião como ópio dos povos, se dá num processo desigual e combinado. Apesar de que a função das altas cúpulas continua sendo a mesma, bem como os centros que são os representantes diretos da propriedade privada, a da estrutura global da Igreja reage de outra forma. Para cumprir a sua função, ela é permeável ao processo de transformações sociais, à cultura da humanidade.

São problemas relativamente novos e de grande profundidade. É preciso estar atentos aos partidos comunistas, mas sobretudo aos católicos. Muitos deles dizem que, sem abandonar a crença religiosa, são militantes do comunismo. Crêem na existência de Deus mas, quanto aos cultos, são abertos e aceitam princípios do co-

Mulheres islâmicas do Irã se manifestam: “Defenderemos até a última gota de sangue para obter o controle nuclear”

munismo, como por exemplo, que as transformações sociais têm que ser feitas à força, sem invocar a Deus, mas invocando as massas.

Os católicos estão observando que, os países que se desenvolvem são os que empreendem medidas socialistas. Então a sua convicção socialista cresce e a crença religiosa diminui, mesmo que continue existindo. Em todas as revoluções da Ásia, da África e da América Latina, uma parte importante da Igreja passa para o lado do comunismo, como é o caso de Ernesto Cardenal, na Nicarágua. O senador Raniero La Valle, da Itália, que é católico, independente de esquerda e de origem democrata-cristã, entrevistou a um dos líderes budistas num filme que ele fez sobre o Vietnã.

– Como é que você apoia agora a revolução vietnamita? – perguntou-lhe.

– No começo eu estava contra. Falar no comunismo para mim, era como falar do diabo. Eu acreditava em tudo que Van Thieu(1) dizia, e predicava isto. Os comunistas vieram, e me deixaram em paz. E eu estive vendo o que eles faziam e cheguei à conclusão de que aquilo era o que eu, como religioso, aspirava fazer. Então disse para mim mesmo: o comunismo do Vietnam é um comunismo religioso. E fui ganho porque os comu-

nistas fazem o que a base essencial da minha crença aspira: justiça.

Depois, Raniero La Valle entrevistou um católico que disse:

– Para mim, o comunismo era o diabo. Bem, eu vi os comunistas e especialmente os vi lutar com grande sentimento de justiça. Fizeram coisas maravilhosas. Nenhum de nós teria feito isto.

– Você é comunista?

– Não, eu não sou comunista, mas vou apoiar os comunistas. E digo para todos os meus fiéis que é preciso apoiá-los.

Mesmo a atitude de muitos aiatolás no Irã é de quem está de acordo que a solução é o comunismo. E Maomé? – *Maomé vai virar comunista.*

É preciso debater este tema para definir uma linha de atuação. Os comunistas fazem uma atividade dirigida aos católicos, mas muito conciliadora e seguidista. Por outro lado, no caso do Irã, quando analisamos Khomeini, que era visto como um sem vergonha, um trapaceiro, um explorador da revolução e até fascista. Nós dissemos que não era assim, e que era preciso fazer uma frente única com ele. Sem sujeitar-se à sua limitação, mas considerando que era possível impulsioná-lo muito.

No meio de tudo isso o Papa procura formar a sua própria corrente. Nas viagens que fez pelo mundo, vai detectando, para ver qual deve ser o jogo da Igreja no futuro. Na Polônia, um milhão de pessoas ou mais foram vê-lo. É preciso ver que a Polônia é o Estado operário mais católico, tem uma grande tradição católica. Eles – o capitalismo e a Igreja – esperavam uns cinco milhões. O Papa ia como representante da concepção católica da



Frei Beto, defensor das transformações sociais como arma para azerar a fome

Revolução Socialista

Jornal Posadista

Continuação do
Jornal
Frente Operária,
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido”

J. Posadas – Suplemento Especial – abril de 2006

Por uma Confederação Socialista dos Países da América Latina

Extrato do texto de J. POSADAS de 17 de julho de 1977, “O processo desigual e combinado na América Latina e o programa das transformações sociais”

A pós quase 29 anos desta preciosa elaboração de J. Posadas, a recolocamos entre os principais documentos de análises e de debates dos leitores e lutadores brasileiros. Não obstante faça referência a fatos já passados, a América Latina tem demonstrado que nem mesmo Simon Bolívar é ultrapassado. A revolução os recoloca na ordem do dia. Convidamos os leitores a recolher estes elementos históricos, à luz do método marxista desenvolvido pelo autor, para estabelecer o nexo entre o passado e o avanço extraordinário das lutas revolucionárias atuais na América Latina.

Este texto dá elementos para compreender de onde vem essa força imbatível dos indígenas do Equador, camponeses e mineiros da Bolívia e Peru, que hoje dão vida a esse combativo movimento anti-Alca, a um Evo Morales que nacionaliza o gás e enaltece a função das mulheres camponesas no governo revolucionário, à resistência na Colômbia; a intelectuais e militares revolucionários como Hugo Chávez na Venezuela, e Ollanta Humala no Peru; a governos como Kirchner na Argentina que decide re-estatizar a empresa Águas e Saneamentos Argentinos; às vitórias eleitorais como a de Violeta Menjívar da Frente-Farabundo Marti na prefeitura de San Salvador, de Michelle Bachelet no Chile, de Renet Preval no Haiti. Esse é o momento oportuno para rever a história dos movimentos, das lutas na América Latina, e impulsionar todas as iniciativas de governos e movimentos sociais na defesa da soberania nacional e das transformações socialistas. Iniciativas de coordenação dos países como o Mercosul, devem ser viabilizadas com uma saída programática e revolucionária fora da simples intenção de mercado das burguesias latino-americanas. A análise

contida neste texto sobre o então proposto Pacto Andino, cai como luva no debate que se faz hoje sobre o Mercosul.

O programa de transformação social proposto neste texto, é vigente mesmo considerando todas as especificidades dos países e dos governos populares emergentes. São inúmeras as propostas que tem surgido de união e coordenação destas forças contra o imperialismo norte-americano na América Latina: a Alba; a Petrosul; o gasoduto proposto por Hugo Chávez que se estende da Venezuela ao Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia; o Banco do Sul; a Universidade do Sul; a Telesul que é uma realidade já em marcha ameaçada por Bush; são todos nós fundamentais desta grande teia revolucionária que requer uma **Confederação Socialista dos Países da América Latina**. Cuba e Venezuela são a sua força motora. Cuba, como já mencionado em outros artigos é o núcleo deste grande vulcão, com o seu exemplo como estrutura econômica e social revolucionária que liberou há décadas o povo cubano do analfabetismo e da miséria. Hoje, ela é capaz de irradiar o seu exemplo e contribuir com projetos sanitários, formação de médicos brasileiros, “missões milagres” no campo oftalmológico, projetos de alfabetização em 35 dias no Piauí. Fidel acaba de assinar com Chávez o Compromisso Sandino para devolver a vista a 6 milhões de latino-americanos em 10 anos. E a Venezuela, como analisamos no outro artigo, segue o seu exemplo, liberando-se completamente do analfabetismo em 4 anos, estendendo inexoravelmente a revolução a outros países e concluindo: “não há possibilidade de socialismo num só país”, reiterou Hugo Chávez o que já foi dito por Trotsky.



Reuters

Evo Morales e Michelle Bachelet: o imperialismo separa, o voto das massas une.

A Planificação da transformação industrial das matérias primas e o problema agrário

O Pacto Andino demonstra que nenhum país pode caminhar com suas próprias forças, nem tem força para competir com o capitalismo mundial. Não pode desenvolver indústrias, absorver as matérias primas que produz, encontrar um mercado que lhe pague a matéria prima, sempre a um preço médio ou elevado, para desenvolver a economia, em base a relações de mercado capitalista.

Do ponto de vista da produtividade, o capitalismo nos países centrais avança 100 vezes mais rápido que toda a produção agrícola da América Latina. A população agrícola dos

Estados Unidos decresceu 3,5% e a produção agrícola aumentou 15%. Na América Latina, ambas estão paralisadas.

Do ponto de vista da tecnologia, há um retrocesso relativo na produção agrícola porque não há mercado. Então, é necessário discutir programaticamente, e os estudantes devem intervir no desenvolvimento da economia latino-americana. O direitos democráticos devem servir para a discussão e a planificação de cada país, expropriando os recursos naturais e colocando-os a serviço do desenvolvimento dos países. Elaborar em cada um deles – Venezuela, Colômbia e também Equador – um plano de produção agrícola, de transformação das matérias primas agrícolas. Não depender da renda da banana, do café, ou do petróleo, mas promover transformações locais. A melhor maneira para aumentar o nível de vida de consumo,



As mães da praça de maio na gigantesca manifestação por ocasião dos 30 anos do golpe reivindicando justiça e transformações sociais

O jornal “REVOLUÇÃO SOCIALISTA” na Web
www.revolucaosocialista.cjb.net
Redação: revsocialista@yahoo.com.br

de desenvolvimento social e científico, é elevar o modo de vida da população. O resto é circunstancial. E se não utilizam a matéria prima, ficam dependendo da exportação. É necessário fazer um plano de produção interna, transformação das matérias primas agrícolas, minerais para o consumo nacional. Estabelecer planos, acordos com os outros países, com o Pacto Andino, com base a uma planificação para produzir a baixo custo. Desta forma, abastecer e desenvolver a economia de transformações das matérias primas agrícolas e o intercâmbio com os demais países da América Latina ou com os Estados operários. Tomar as iniciativas que respondem à necessidade de cada país.

No programa para resolver o problema agrário, é fundamental incluir a mecanização do campo. As formas coletivas ou cooperativas socialistas de produção por si só não representam um grande progresso na produção. A produção dos EUA tem um custo que é 10% do da América Latina. Lá se produz numa hora o que no Peru se leva 3 dias. Eles têm terras melhores, mas sobretudo meios mecânicos, e uma organização mecanizada que vai desde a eletricidade até a água encanada. E a quantidade e a qualidade dos tratores e implementos que têm, lhes permitem uma organização planificada do trabalho e um rendimento muito grandes.

No Peru, como na Venezuela não há esses recursos; é preciso promover a mecanização. A burguesia dirá que não há meios mecânicos, seu custo é muito alto, que é preciso importá-los. Essa não é a solução. Importar implica num alto custo, mais do que produzi-los, porque no pagamento saem divisas que são necessárias para outras coisas. É possível produzir para o consumo nacional, de forma coletiva, transitoriamente, enquanto se vai elevando a fabricação dos implementos agrícolas mecanizados, ou fazendo intercâmbio com a União Soviética ou com Cuba.

Na Venezuela não há produção agrícola, não há nem tomates; tem que importar de Marrocos, da Argélia ou de outros países da América Latina, quando possuem savanas que poderiam alimentar toda a população. Nesse caso, é preciso fazer um plano de produção agrícola e de transformações das matérias primas. Desenvolver uma indústria que sirva de base para tal, ou fazer intercâmbio com os Estados operários, enquanto se desenvolvem a indústria e a produção mecanizada no campo.

Isso vale para a Bolívia também. O atraso da Bolívia vai durar enquanto não se mecanize o campo. A divisão e a coletivização da terra não conseguem ter todo efeito porque geram um custo de produção muito elevado. Principalmente nas zonas onde o rendimento por hectare é ínfimo. Nos EUA calcula-se o rendimento de 4 toneladas de trigo por hectare, enquanto na Bolívia ou no Peru é de 700 ou 300 Kgs. E é lógico que seja assim, porque suas terras são ruins, mal adubadas ou cultivadas a mão. O problema não é apenas que a terra rende pouco; isso é relativo. A questão é que o plantio e a

colheita são lentos. O rendimento por dias ou horas é um décimo do que se alcança nos países industrializados. Isso é produto do trabalho manual e da falta de mecanização.

Na Colômbia ocorre o mesmo. Sem reduzir por enquanto a produção do café, é preciso desenvolver a produção agrícola para o abastecimento da população, o que representa uma enorme economia de divisas. Isso deve ser combinado com o desenvolvimento das indústrias de transformação. Os produtos agrícolas e



Camponeses bolivianos recebem com entusiasmo o programa de alfabetização do governo de Evo Morales com a ajuda de Cuba e Venezuela: erradicar o analfabetismo em 18 meses

David Merced

minerais devem ser explorados para a indústria de transformação. Não se trata de reduzir de imediato a produção do café porque é a base da economia. É preciso ir diversificando a produção, desenvolvendo, ir eliminando a dependência ao café. Deve-se unir um plano de água encanada, eletricidade, saneamento, hospitais ao plano de indústrias de transformação e de produção agrícola e pecuária. O país tem condições, são os poucos indivíduos entre liberais e conservadores que tem governado juntos na Colômbia que são incapazes. Ambos, liberais e conservadores, estão unidos pela estrutura do café.

No Equador, é preciso priorizar a produção agrícola barata para a população. A burguesia alega que não há meios mecânicos, que o custo de produção é alto. Segundo a acumulação capitalista, o custo de produção é alto, porque seu objetivo é o lucro. De acordo com o consumo e as necessidades da população, o custo não é alto. Esse é o custo necessário, porque todo o lucro do capitalista é revertido em benefício do consumo da população; e satisfaz à necessidade de dar segurança social, e desenvolver a produção. Então, é preciso propor um plano de Reforma e de produção agrária, e de industrialização das matérias primas agrícolas.

O Equador depende da produção da banana e um pouco do petróleo. Por quê? É a classe dirigente que o faz depender da banana. Desta forma, mesmo quando se transformar num Estado operário, terá que continuar com essa dependência, porque essa é a herança do regime capitalista. PORÉM, já se pode ir introduzindo e desenvolvendo outro tipo de produção, tanto agrícola como industrial, visando o consumo da

população e promovendo a mecanização, por exemplo, para a construção de estradas; se não se faz com maquinário adequado, torna-se caríssima. Somente alimentar os que trabalham, encarece muito. Ao passo que, hoje, com quatro guindastes se faz o trabalho de mil operários. Por isso a construção de estradas no Equador é muito onerosa, porque são necessárias máquinas, guindastes, que o capitalismo foi incapaz de produzir. Ao passo que planificando e discutindo, eleva-se a compreensão da popula-

ção. É preciso elevar o nível da população e a assistência sanitária, porque o Equador é o país mais atrasado da América Latina. Segundo a ONU, o Equador é um dos países que têm menos médicos e camas hospitalares. A população deve ver que este programa de transformações é necessário e conveniente para o desenvolvimento do nível da vida e de saúde, e que é possível concretizá-lo, acentuando a necessidade da mecanização. A burguesia não vai fazer isso. Ela utiliza todo o petróleo para a acumulação do capital, para investir na banana de melhor qualidade para poder competir no mercado mundial. Então, a burguesia consome as melhores bananas, com o mesmo preço de custo, enquanto que o Equador não avança.

Diante disso, é preciso propor um plano de diversificação da produção e chamar a que os Estados operários apoiem. E, sobretudo, junto com isso, construir a **FEDERAÇÃO SOCIALISTA DO PACÍFICO**, que não se pode realizar se não for à força.

O capitalismo não tem interesse na mecanização do campo; tem os capitais, mas não tem interesse. No Equador, todo o dinheiro que vem do petróleo pode ser dedicado a mecanizar a produção agrária e a produção na cidade. No lugar da acumulação privada do capitalista, que é muito lenta e beneficia a poucos, que o Estado se encarregue planeje em benefício de toda a população.

Programar a produção agropecuária na Bolívia

Países muito atrasados, como a Bolívia, que depende da produção de estanho, de minerais e do petróleo, têm uma enorme riqueza em Beni e em Pando. O gado é muito bom nessa zona, seja no Alto Beni, em Cochabamba, em Santa Cruz, nas yongas que são todas zonas agrícolas riquíssimas. Mas são exploradas miseravelmente, porque a direção do país dependia das minas e não tinha interesse nisso. Além da incapacidade e desinteresse da exploração capitalista, que limita a possibilidade, a capacidade e a inclinação dos governos burgueses, há o descaso da classe dirigente, que só permite o desenvolvimento em função do lucro, ou no máximo fazendo algumas concessões sociais para impedir que a população se levante, para que não haja protestos, para que a pequena burguesia não se queixe.

É preciso intervir sobre estes problemas junto aos estudantes, universitários, o movimento operário e camponês. O pequeno e médio produtor estão organizados pelo interesse da competição econômica. Entretanto, os operários braçais, a imensa maioria dos pequenos arrendatários, que são os pobres, quase proletários, são pequenos arrendatários que aspiram ser proprietários, não estão organizados.

Há uma base muito grande em toda a América Latina, Colômbia, Equador, Venezuela, Peru, Bolívia para concretizar um programa de desenvolvimento da produção agrária, na qual os sindicatos exerçam a função de dirigentes e planificadores.

A Bolívia, não tem porque depender da importação de leite, trigo, farinha. Exporta carne em detrimento do consumo. A população poderia comer carne e tomar leite todos os dias.

É preciso discutir, também, a planificação do cultivo e a industrialização da matéria prima, um programa de produção agrária e agropecuária. Não um plano esperando um êxito imediato, mas uma programação que questione ao mesmo tempo o regime da propriedade agrária. A grandes produções que existem na Bolívia de propriedade do Estado, por exemplo, devem produzir planificadamente, fazendo uma cooperativa socialista dos camponeses, como passo intermediário para um progresso posterior. Tal como propusemos para o Peru no primeiro plano agrário que fizemos em 1969 e que ainda é válido.

Para movimentar e atrair o camponês a desenvolver a economia, se requer um plano de produção para que o camponês veja o êxito, as consequências favoráveis de tal produção, unidas a seu próprio desenvolvimento pessoal. E não se pode esquecer de elevar a cultura de todos os camponeses, operários, mineiros; sobretudo – embora não unicamente – a cultura política. Isto vai desenvolver nos camponeses e nos mineiros a compreensão sobre os problemas de como é que se desenvolve a economia. Ao invés dos livros para crianças que os iugoslavos e os soviéticos editam, editar outro tipo de livros; eles mostram nos livros os filhos dos burocratas, os ambientes da aristocracia



Ana Nascimento/ABR

Lula e Chávez estabelecem acordos de construção de refinaria no nordeste

operária, o que nos Estados operários corresponde à aristocracia operária. O que é preciso mostrar é como os filhos dos camponeses, que antes não sabiam nem ler nem escrever, agora, aos 6 anos, lêem e escrevem muito bem.

É preciso planificar de acordo com as necessidades de cada país, mesmo considerando as dificuldades que existem, por exemplo, na Colômbia, devidas aos grandes cafezais. A Colômbia pode produzir toda a agricultura que necessita para viver e pode transformá-la. Depende do regime e da orientação social. Os estudantes devem lutar por isso. Todas as greves e mobilizações que os estudantes fazem até agora são utilizadas essencialmente pelos Partidos; muito pouco para interesse próprio. Os estudantes devem vincular a finalidade do estudo ao objetivo de servir à população, dar idéias, intervir cientificamente ajudando a economia, a produção na planificação e a programação da produção agrícola cooperativa do tipo socialista, que significa que uma quantidade determinada de produtores se põem de acordo e organizam a tarefa em comum, compram as coisas em comum e distribuem em comum o que produzem; mesmo sendo de forma proporcional ou escalonada de acordo com os investimentos, ter como objetivo a extensão a maiores ramos da produção. Sem dúvida isto vai enriquecer uma quantidade de pequenos proprietários agrícolas e cooperativistas, porém vai elevar e abastecer a população. Vai mostrar que a forma concentrada de produção é superior à forma privada e que nesses países não há outro caminho a não ser dessa maneira: com a socialização ou coletivização, embora não existam ainda as condições, não tanto pela falta de mecanização necessária, mas pela falta de vida política para tal objetivo, que em pouco tempo pode-se conseguir.

Uma demonstração muito grande da vontade de progresso dos camponeses da Bolívia é que aumenta seu interesse pela língua espanhola. Não é verdade que eles abandonam a língua espanhola. Em lugares onde antes não entrava absolutamente a língua espanhola, agora falam e entendem perfeitamente. Quando chegam a sentir que sua vinculação com o progresso os leva até a língua, aprenderão em uma semana. Isso vale para todos os camponeses da Bolívia.

As línguas têm importância na contribuição ao desenvolvimento científico das relações hu-

manas e ao progresso social. Do contrário, ficam como lembrança, como recordação de testemunho de como as relações humanas se desenvolveram. Em compensação, permanecem as línguas que são o vínculo entre o progresso da ciência, a técnica e as relações humanas. Quando os indígenas, ou os camponeses, se agarram a língua antiga é porque não confiam na sociedade que os dirige. Se há um governo, um movimento ou uma direção que



David Mercado

Evo Morales promete nacionalizar o gás até 12 de julho de 2006.

lhes dê confiança no progresso, aprendem logo a língua que corresponde a esse progresso. Então a língua é resultado do progresso e não o progresso resultado da língua. Não é o quechua e o aymará que vão à URSS e sim a URSS que vai ao aymará e ao quechua. Os soviéticos fazem programas da rádio dirigidos à América Latina em aymará, quechua, asteca, que são muito lindos. Fazem também alguns em guarani. Por exemplo, no México existem línguas que são faladas em pouquíssimas regiões e os soviéticos fazem programas nestas línguas, mesmo sendo línguas já ancestrais.

O fracasso das formas intermediárias de propriedade no Peru

O "pool" da banana, do petróleo, do café, do açúcar deve ser mantido controlado pelo Estado com uma Frente Única com as burguesias produtoras ante os mercados compradores. É preciso ao mesmo tempo desenvolver a indústria de transformação das matérias primas no país, para não depender apenas do mercado da exportação. Combinando com a Federação do Equador, Peru, Bolívia, Chile, como parte de uma **CONFEDERAÇÃO SOCIALISTA LATINO-AMERICANA**.

É preciso ir desenvolvendo a economia dos países, planificando sem depender da prepotência do mercado capitalista mundial; e, por sua vez, aprofundar as relações com os Estados operários, seja como mercado vendedor ou comprador, seja importando tecnologia.

Isso deve vir acompanhado por um desenvolvimento cultural dos sindicatos, dos partidos, das massas camponesas; discutindo, por exemplo, a experiência do Peru onde as formas de propriedade que ensaiaram na época de Velasco Alvarado se mostraram incapazes para desenvolver a economia; seja a "comunidade industrial", seja a "propriedade social", inclusive as formas de propriedade agrária. A experiência do Peru é válida para mostrar que essa não é a forma. A economia não se desenvolveu porque lhe atribuíram formas que eram um retrocesso na capacidade de elevar a tecnificação da produção, onde queriam combinar a propriedade privada com a propriedade estatizada, ou a propriedade dos sindicatos, que continua sendo propriedade privada. O que se constata é a propriedade privada – qualquer que seja sua forma (industrial, parcial, geral, individual) – que leva ao estancamento da produção. É preciso antes a ela a forma de funcionamento coletivo, de propriedade coletiva. E mesmo esta, para progredir, tem que planificar a sua produção sob controle operário; de maneira que o custo, a qualidade, o tempo de produção, o salário, sejam controlados pelo movimento operário. Se o



Ollanta Humala, candidato à presidência da oposição nacionalista no Peru

controle é feito pelo gerente, pelo patrão, pelo encarregado, ou pelo diretor, estes defendem o interesse da propriedade privada, então fazem, tudo aquilo que favorece a propriedade privada: ocultam, mentem, negam, planificam mal. Portanto, deve ser dirigida pelo movimento operário, mesmo que a produção não signifique necessariamente um aumento dos salários dos operários, mas para o conjunto da população, produzindo com custos menores e com qualidade superior; que na composição dos produtos não entrem compostos químicos que substituam as matérias primas naturais, vegetais, por matérias primas elaboradas quimicamente.

O outro aspecto é a produção agrícola. Por exemplo, o café. Fazer um "pool" do café; "pool" da banana; vender aos Estados Operários e também aos países da América Latina. Não é verdade que estes países tenham um superconsumo de açúcar; no Brasil e no México é possível, mas em todo o resto da América Latina consome-se pouco açúcar. Além disso, para desenvolver a economia, não é necessá-

rio depender do café e da cana de açúcar. Para os capitais que investem sim, mas para o progresso da economia nem o café, nem o açúcar são indispensáveis.

Estatizar sim, mas sob controle operário

É fundamental propor em todos os países da América Latina a **estatização** sob controle operário. E reiterar que ela deve estar sob controle operário. É a forma de tornar a estatização objetiva e não para acumular benefícios para uma ou outra camada da população. Ao mesmo tempo demonstrar que o fracasso das falsas experiências da estatização não significam que a estatização em si seja incorreta, ou que seja uma outra forma de capitalismo, mas sim, falta de controle.

Nos países capitalistas, as estatizações parciais devem se acompanhadas pelo controle operário, para impedir que elas sirvam à acumulação por parte de novas camadas que substituam o capitalismo, que produzam em benefício do sistema capitalista. Os Partidos Comunistas, como o italiano, diziam que a experiência da estatização é nefasta, porque se trata de uma experiência que é burguesa. Isso porque quem a controla não é o proletariado, mas a burguesia, que utiliza as empresas estatizadas para si própria, para obter produtos a baixo preço, para desenvolver os ramos da produção que lhe convêm e não para benefício e desenvolvimento da população, que é como deve ser a estatização. Assim é que deve ser a



José Varela

O presidente Rene Preval do Haiti busca acordos com o governo Lula

estatização do café, da banana e de outros produtos.

É fundamental incorporar estas conclusões a todo programa, para que não caia no vazio. As experiências das estatizações na América Latina são importantes. Por exemplo, na Argentina, as estatizações de Perón, mesmo tendo sido a alto preço, porque indenizou muito bem aos proprietários, serviram para um desenvolvimento econômico do país considerável. Mesmo concedendo subvenções estatais enormes como as que foram concedidas à fábrica de automóveis Kaiser, onde o governo

Continua na página 4

pagou ferro velho como fábrica nova, a estatização permitiu um desenvolvimento enorme da economia. E nos Estados operários ocorreu o mesmo.

Estatização não significa simplesmente estatizar e entregar a empresa a uma administração independente que funcione de acordo com o capitalismo. Desta forma não há lucros e sim prejuízos, porque se produz a baixo custo para o capitalismo. Não a baixo custo porque o custo seja baixo, mas porque se vende a baixo custo para o capitalismo. É necessário discutir estes problemas para a estatização do café, do petróleo, do ferro, da banana, dos grandes monopólios

O programa para desenvolver a economia e a função política dos sindicatos

O problema na América Latina é: como desenvolver a economia. Que programa propomos, analisamos para orientar o desenvolvimento da economia latino-americana de acordo com as possibilidades e necessidades objetivas dos povos? Como desenvolver a economia para que os povos possam comer?

Então, é necessário intervir na discussão não reclamando que a população não tem nada, mas representando e falando em nome do país, demonstrando como a economia deve se desenvolver. Se é em nome do país, quem dirige o país? O programa determina quem dirige, e o programa é este que propomos. Ele deve ser fundamentado nas experiências que já existem sobre a planificação. Isso deve ser acompanhado com exemplos mais vivos e mais precisos de intervenção sindical, estudantil, ajudando a formulação de programas em momentos transitórios. Não basta denunciar que a população não tem trabalho, não tem comida, mas sim propor algo que ultrapasse o interesse estrito dos operários e da população pobre. O programa é feito em função do progresso do país, que inclui toda a população. O capitalismo é incapaz de fazê-lo.

Neste contexto, o capitalismo busca a unificação financeira, acordos alianças programáticas, alfandegárias, como o Pacto Andino, que, por sua vez, mostra-se incapaz de desenvolver a economia, devido à estrutura do mercado mundial capitalista, financeiro, investidor, comprador, com capacidade de transportar as maquinárias para competir. Para fazer isso, é preciso ser um grande capitalista e não existe este grande capitalista na América Latina.

É preciso dirigir-se aos países da América Latina com essas resoluções, mostrando que a reação já tem essa conclusão. Também dirigir-se à Igreja, aos católicos de esquerda, que são muitos. Além disso, preocupar-se muito com a função dos sindicatos. Caso contrário,

fica-se numa repetição de normas que não surtem efeitos. É preciso aprofundar a discussão sobre a função dos sindicatos. Isto não é novidade, há muitos anos que propomos isto. Na Europa também. Não apenas defendemos a função política dos sindicatos, como também o Estado revolucionário para a Europa, que corresponde a uma etapa já madura para suprimir o capitalismo, porém não existe direção madura que corresponda a tal nível da crise do capitalismo.



Do Equador à Bolívia e ao Peru, a luta dos camponeses e indígenas é politicamente ampla e se estende ao resto da população: contra a ALCA e pela nacionalização das riquezas minerais da América Latina.

Este é um processo muito mais amplo e que vai dirigido a criar camadas da burguesia interessadas no desenvolvimento das liberdades democráticas. Nós não nos detemos aí. Fazemos uma aliança por liberdades democráticas, mas temos um programa de progresso econômico que só pode ser aplicado com o exercício da democracia soviética.

É preciso discutir e fazer pesar as experiências que estão se dando na América Latina. Os sindicatos estão jogando uma função de defensores do salário e nada mais. No México, acaba de se dar um movimento muito grande de 70 mil trabalhadores que faziam reivindicações sindicais, por direitos democráticos e por sindicato único dos trabalhadores da Universidade. O governo cedeu contra o reitor. É necessário utilizar as bases que o México dá, transmitindo as experiências para a América Latina. E discutir a função política dos sindicatos, que não muda, nem altera e nem substitui a função política dos Partidos, ao contrário, tende



Estudantes franceses e as massas européias recebem o impulso do anti-neoliberalismo que cresce na América Latina e no mundo

a impulsioná-los. Assim como todo bom Partido tem muito de Sindicato, todo bom Sindicato tem muito de Partido, porque a delimitação de suas funções tende a não existir. Com a crise do sistema capitalista e o desenvolvimento da revolução permanente, se conclui a cada minuto que as reivindicações não podem ser meramente econômicas. Estes são os problemas essenciais que há que discutir.

Os problemas táticos da revolução latino-americana

Tem-se que considerar que é fundamental desenvolver, aprender o método de dirigir-se aos demais movimentos operários, estudantis, sindicais, políticos. A pequeno-burguesia é a que tem maior iniciativa na América Latina. Os Partidos Comunistas têm muito pouca iniciativa. Em quase todos os países a iniciativa é da pequena burguesia. E mesmo os Partidos Comunistas que têm algum valor ou importância estão sujeitos à influência da pequena burguesia; veja-se em parte, o exemplo do Chile agora. Indica que é necessário estimular e mover-se para ganhar quadros da pequena burguesia que são atraídos pelo programa de progresso econômico-social.

Para alcançarmos o objetivo de desenvolver as lutas pelas transformações sociais, temos que fazer o que a burguesia deveria ter feito na sua época, desenvolvendo a economia, as relações sociais e a democracia. E que não se pode fazer isso da forma "peronista" ou de forma "chilenista". E mesmo que apareçam tendências que queiram repetir as experiências do Chile, já existe uma discussão no movimento comunista. Isso se expressa em

parte, na reunião dos Partidos Comunistas feita em Cuba há um ano, onde tiram boas conclusões sobre o Chile, tomando integralmente nosso programa, nossas análises. O que quer dizer que há uma revisão nos Partidos Comunistas ou uma discussão interna na qual nós devemos intervir e formar parte desse programa de ascensão da revolução permanente na América Latina.

Há que intervir nessas duas tarefas. Uma é a tarefa do programa geral da **revolução permanente** para a América Latina, e outra é a intervenção na crise interna dos Partidos Comunistas e Socialistas.

Não se trata da luta pela classe operária da Colômbia, da Venezuela, ou do Chile, e do progresso destes países que requer essa política. A burguesia deveria ter sido encarregada de desenvolver a economia por sua função na História e foi incapaz. Então há que fazê-lo em nome da necessidade econômica, social e política do país. Não em nome ou para a classe operária, mas justamente em nome do que a burguesia deixou de fazer. São medidas que não correspondem ao proletariado como classe, mas à burguesia como classe e que esta não concretizou.

É necessário compreender o processo e saber ser flexíveis, ficar firme, recuar um passo atrás para poder saltar mais adiante. Uma direção que não age assim não é capaz de compreender e modular-se de acordo com as condições e com o processo objetivo para atingi-lo.

Um fato claro e notório, por exemplo, são os 500 intelectuais na **Venezuela** ⁽²⁾. Eram 500 e agora são 2.000; o que mostra que não eram 500 que resolveram de uma hora para outra aparecer, mas sim que eram uma expressão de um processo infinitamente mais profundo, como analisamos.

Quando se reúnem 500 intelectuais num país em que há prosperidade – os quais beneficiam-se desta prosperidade através das concessões que a burguesia lhes faz para mantê-los quietos – é porque a influência do processo da revolução socialista no mundo é muito grande. Então, a questão é ver como intervir e como aprender a intervir. O processo é muito profundo. O que leva 500 intelectuais a se reunirem e a se levantarem? Quando os Partidos os mantêm quietos, calmos, com dinheiro, com postos, com perspectivas, e mesmo assim eles sentem-se impulsionados a intervir, é porque há influências muito grandes de idéias centrais sobre eles. Idéias centrais de progresso social anti-capitalista. Se não conseguem aplica-las é porque não há direção adequada para isso, mas querem fazê-lo. Não serão todos os 500 que alcançarão, mas mesmo que seja apenas uma terça parte, é uma mostra suficientemente elevada e uma situação muito propícia.

(1) Experiências aplicadas na época do governo nacionalista de Velasco Alvarado

(2) Movimento de intelectuais de esquerda que propõem uma Frente Eleitoral

Revolução Socialista

Jornal Posadista

Continuação do
Jornal
Frente Operária,
fundado em 1953

“Sem a luta pelo socialismo, a vida não tem sentido”

J. Posadas

– Junho de 2006

– R\$ 1,00

Editorial

Debater na campanha eleitoral um projeto de nação soberana, aprofundando alianças programáticas com os movimentos sociais, para pagar a dívida social e reeleger Lula



BOLÍVIA:
Em defesa da nacionalização
do gás da Bolívia

Página 4

**O PAPEL DOS MILITARES
NACIONALISTAS
NA AMÉRICA LATINA
(J. Posadas)**

Página 3

**ENTREVISTA DE FIDEL CASTRO
A IGNACIO RAMONET**

Página 3

**IRÃ: PRESSÃO CONTRA OS
NEOLIBERAIS**

Página 6

A BIOMASSA É NOSSA?

Página 7

**TV DIGITAL, MERCOSUL E
SOBERANIA**

Página 8

“REVOLUÇÃO SOCIALISTA” na Internet

www.revolucaosocialista.cjb.net

Redação: revsocialista@yahoo.com.br

Laçadas as candidaturas presidenciais e as de governo estaduais, surge uma nova oportunidade para que o PT e a esquerda em geral, sejam as correntes da igreja popular ou os militares nacionalistas e os intelectuais e pensadores, realizem o necessário debate de um programa para tirar o Brasil do atraso. Muito mais que rebaixar todo o debate à disputa eleitoral, é necessário rebelar-se contra o carreirismo político que toma conta dos partidos, inclusive do PT, pelo o qual está pagando caro pela aproximação com os métodos fisiológicos que dominam o parlamento brasileiro.

A crise do neoliberalismo, a ação dos movimentos sociais no mundo, a resistência ao imperialismo no Irã, no Iraque, na Palestina, e a tendência a uma recuperação de parte do patrimônio privatizado através de novas estatizações, registradas tanto na Rússia (que reestatizou o petróleo e até a televisão), ou na Bolívia, na Argentina, no Equador, etc, está indicando que as contradições e os enfrentamentos agravam-se. Não por acaso, o capitalismo é obrigado a retirar toda a máscara “democrática” e revelar seu conteúdo ditatorial, seja para reprimir os jovens na França, ou os latinos nos EUA.

No Brasil, as multinacionais e o sistema financeiro mundial, embora não tenham tido seus interesses contrariados frontalmente, nem tenham sido impedidos de acumular enormes taxas de lucros durante o governo Lula até aqui, evidentemente preferem um governo de direita, por razões de classe. Mesmo com a elevadíssima remessa de capitais para o exterior e os excelentes negócios realizados, como, por exemplo, a negociata da TV digital favorecendo fabricantes japoneses desprezando a existência de tecnologia nacional capaz de promover uma TV autônoma, soberana e, sobretudo, democrá-



*Vargas criou a Estatal do petróleo.
Lula: suspender o leilão do petróleo para o exterior e recuperar o controle acionário da Petrobrás para o Brasil!*

tica, totalmente brasileira. Ou com os perigosos indícios de uma desnacionalização da produção de biocombustíveis, através da entrega do setor ao controle dos cartéis da soja, de capital norte-americano, via Ministério da Agricultura, quando a decisão mais soberana e estratégica estaria na formação de uma empresa estatal de bio-energia, seguindo o exemplo antiimperialista que vem de várias partes do mundo.

Diante deste mundo conturbado, cada vez mais desigual e mais tensionado pela violência, não se deve esperar uma conduta serena e convencional da parte da direita brasileira nesta campanha eleitoral. E já há prenúncios disto, como na crise do PCC e na depredação da Câmara.

continua na página 2

vem da página 1

As divisões exacerbadas no seio da candidatura de Geraldo Alckmin podem conduzir a direita a criar fatos de impacto na opinião pública, seja manipulando ou fabricando, usando habilmente estes conflitos fabricados – como manifestação do MSLT, infiltrada, manipulada para virar uma estúpida depredação da Câmara – como espetáculos de mídia destinados a criminalizar tanto os movimentos sociais como o Governo Lula e o PT, por apoiá-los.

Para os segmentos mais liberais do PT, que até bem pouco tempo não se envergonhavam de propor uma aliança com o PSDB (Gushiken), estes tremendos e bizarros erros de movimentos como o MSLT, que facilitam a infiltração e sua manipulação pela direita, são episódios que servem para tentar justificar uma política de reformismo sócio-liberal, de distância dos movimentos sociais, inclusive a participação de alas do PT nos processos de privatização da Vale do Rio Doce ou mesmo na não eliminação dos leilões do petróleo, embora Lula tivesse se comprometido com isto na campanha passada. São estas alas neoliberais do PT (Flávio Arns) que dificultam uma aliança de Lula com o governador antiimperialista

Requião, tendo por detrás uma dissimulada aliança de setores petistas com os que pretendem privatizar o Porto de Paranaguá, a Monsanto. Há alas do PT que preferem Sarney, Barbalho do que aliar-se a Requião, o único governador que enfrenta os transgênicos, que faz aliança com o Chávez, que é contra o leilão do petróleo e a desnacionalização em curso da Petrobrás.

Por isso, com todas as contradições, é importante o freio à onda de privatização ocorrido no governo Lula, ainda que tímido, bem como é importante que o governo resista, ao seu modo, às tentativas da direita de levá-lo a uma posição de hostilidade e afastamento dos movimentos sociais, fortalecendo a ala “pró-tucana” que atua no interior do PT e do governo.

A divulgação das pesquisas favoráveis à reeleição de Lula pode ser usada de várias formas, inclusive como instrumento de contenção por uma ala petista que resiste a mudanças na atual política monetária de privilégios, ainda, ao grande capital, com uma muito menor destinação de recursos aos programas sociais, muito embora Lula tenha multiplicado estes investimentos sociais, comparando-se com a era FHC. Entretanto, tanto o apoio popular que Lula possui entre os setores mais pobres e explorados da sociedade, especialmente entre negros e pardos, como também a conjuntura da América Latina, com o avanço de movimentos antiimperialistas no Chile, no Peru, no Equador, a retomada de estatizações na

Argentina, as nacionalizações e a reforma agrária recém-iniciada na Bolívia, e uma maior intervenção de Cuba e da Venezuela no continente, são indicadores de condições para que o governo Lula possa não apenas reeleger-se, mas também, ser um governo baseado numa relação organizada com os movimentos sociais, aplicando políticas mais decididas para pagar a dívida social acumulada pelos pobres. O que tornaria Lula praticamente imbatível.

Não interessa aos EUA que Lula se aproxime da Venezuela, nem sua política externa de tom antiimperialista. Por isto mesmo foi muito importante o respeito de Lula à nacionalização do petróleo-gás na Bolívia, um respeito a uma conquista dos movimentos sociais de toda a América Latina, que estimula a luta antiimperialista de massas no Peru, onde a esquerda fez a maioria no Parlamento, e no Equador, com o lançamento de uma candidatura presidencial diretamente vinculada aos movimentos indígenas. As gigantescas mobilizações estudantis no Chile, arrancando conquistas, mostram que os votos dados a Bachelet não foram



Reeleger Lula sim, mas para implantar a Reforma agrária

nenhum cheque em branco, mas um meio para derrotar novamente a direita e para aprofundar a mobilização popular por seus direitos num país que continua sendo um país injusto e desigual, mesmo depois de governos do Partido Socialista.

NOVO PROGRAMA DO PT

Há um embate em torno da elaboração do novo programa para a reeleição de Lula. De um lado os setores que percebem que sem mudanças de fundo no modelo econômico concentrador e pró-capital externo, não haverá de fato a realização de um projeto de nação soberana, auto-sustentável, com a superação de suas gigantescas dívidas sociais. São as alas mais ligadas aos movimentos sindical e social, que recebem a pressão da militância de base que está consciente dos limites do governo Lula, muito embora não duvidem em apoiá-lo num segundo mandato para derrotar a direita, para manter a aliança antiimperialista com Chávez, Kirchner e Morales, para impedir a volta da **privataria**, que Alckmin retomaria com o uso da repressão e de extermínio que a segurança paulista usou na crise do PCC.

Diante da transformação do PT, pela “Era Dirceu”, em máquina burocrático-eleitoreira, torna-se fundamental que a luta popular, a luta dos movimentos sindicais, também seja acompanhada de um debate elevado e consciente da militância em torno do programa necessário para tirar o Brasil do atraso. Que não se pode falar de modo ufanista em bio-combustíveis e revolução energética se as terras estão sendo desnacionalizadas, se os camponeses não têm terra para plantar ou não

têm apoio do estado para desenvolver a produção. Que não se pode falar em Brasil soberano se a TV digital está sendo entregue ao controle de fabricantes japoneses, perdendo-se oportunidade histórica para democratizar de vez este câncer que é a ditadura da mídia no Brasil. A exemplo dos estudantes no Chile, é fundamental que os movimentos sociais, mesmo apoiando a reeleição de Lula, não se paralise de nenhum modo diante da estrutura capitalista que predomina no país, que através das mobilizações de massa, com conteúdo programático, **com uma tática de apoio-crítico**, atuem para pressionar o governo Lula e o PT, as direções sindicais acomodadas, lembrando que o Brasil ainda é o campeão em desigualdade social, que as riquezas minerais continuam sendo rapinadas, que os leilões do petróleo devem ser suspensos imediatamente, que a reforma agrária não pode esperar mais, que o Brasil tem condições para dar emprego a todos os brasileiros, escola pública para todos, que não há a mais mínima explicação ou justificativa para que o SUS seja inferno de sofrimento para os pobres que precisam de assistência de saúde. Exatamente, porque há forte crítica a certas políticas do governo Lula, não está descartado que expressivas alas petistas descarreguem-na votando em Heloísa Helena no primeiro turno, o que não ocorreria se Lula realizasse uma aliança com os movimentos sociais, através da reforma agrária, uma política de obras públicas, construção de moradias, estradas, produção de alimentos, escolas etc. corrigindo o erro de ter priorizado, por exemplo, a reforma da previdência, desprezando a opinião das massas trabalhadoras.

Nada disto se resolve apenas, pura e simplesmente, com a reeleição do Lula. É preciso reelegê-lo, claro, mas para recuperar a Vale do Rio Doce doada, para que o biodiesel sirva como instrumento de aceleração da reforma agrária e de elevação da agricultura familiar. Se foi muito importante que Lula tenha praticamente reestatizado as Escolas Técnicas Federais, privatizada por FHC, também é importante dizer que há recursos sobrando no **superávit parasitário** para aplicar num programa revolucionário para exterminar com o analfabetismo a curto-prazo, como fez a Venezuela e está fazendo a Bolívia.

Reeleger Lula sim, mas para aplicar um programa que elimine os indecentes privilégios concedidos aos banqueiros, às multinacionais e a oligarquia, um programa capaz de fazer do Brasil um país justo, avançado, com um povo culto e sadio. ●

J.Posadas, fundador e organizador da IV Internacional Posadista



Expediente

“Revolução Socialista”

Órgão da Corrente Posadista do PT –
Regulamentada junto ao
Diretório Nacional
Continuação do Jornal
“Frente Operária”, fundado em 1953.
Diretor Responsável :
C. A. de Almeida – Reg. Prof. 049/SP
E-mail:
revsocialista@yahoo.com.br
Página Web:
www.revolucaosocialista.cjb.net



Ollanta Umala: declara querer continuar as aspirações revolucionárias de Velasco Alvarado e das massas pobres, camponeses e mineiros do Peru

O artigo que publicamos ao lado é um extrato de um folheto de J. Posadas intitulado “Causas e fatores do papel progressista de equipes militares no curso do processo revolucionário mundial” (*), da Edição Revista Marxista de dezembro de 1974.

Repropomos a sua leitura diante da atualidade do tema despertado por todos os recentes acontecimentos que colocam em destaque a intervenção dos militares nacionalistas nos processos revolucionários na América Latina, ao que se refere também Fidel Castro nas recentes declarações a Ignácio Ramonet (vejam extratos ao lado).

Não haverá um processo de liberação social na América Latina, sem a participação de amplos setores nacionalistas das Forças Armadas. A história é plena de exemplos e tentativas militares na defesa da soberania nacional e de revoluções nacionalistas-revolucionárias: Velasco Alvarado no Peru, Villaruel e, depois, Torres na Bolívia, Perón na Argentina, Líber Seregni no Uruguai, Torrijos no Panamá, Cárdenas no México, Kadafi na Líbia, Nasser no Egito, Mossadegh no Irã, sem contar a revolução do cravos em Portugal e a sua extensão em Angola e Moçambique.

De onde surgem Hugo Chávez e Ollanta Umala senão desta necessidade libertadora latente dos povos espoliados por séculos de colonialismo? O enorme sulco entre a miséria extrema de um lado, e a contínua repressão ditatorial burguesa, o retardo na organização política, partidária, sindical dos movimentos sociais por outro lado, geram forças que provêm do próprio exército burguês, suprimindo uma necessidade histórica das massas pobres e assumindo posições revolucionárias. Nada estranho para uma América Latina que teve um Bolívar e um

(continua na página 7)

CAUSAS E FATORES DO PAPEL PROGRESSISTA DE EQUIPES MILITARES NO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO MUNDIAL



Hugo Chávez: da sublevação militar em 1992 ao governo popular e revolucionário de hoje

Estamos numa época na qual não devemos atar nossas análises ao velho esquema do funcionamento militar, onde o uniforme representava a potência militar. Quem possuía o uniforme representava a potência do Estado. Atualmente, o militar sente a sua perda de autoridade, e percebe que as decisões não dependem tanto da estratégia militar quanto da social, política e revolucionária, da qual o exército é um instrumento. O contexto atual não é de guerra entre países, mas de guerra de classes. A estratégia não é a mesma de antes, apoiada sobre posições e comandos; é uma estratégia de ações que levam ao enfrentamento de classes e que arrasam segmentos militares. Estes se defrontam com a incerteza do amanhã. Como militares, insensíveis, não enxergam o processo social; sentem-se fracos e excluídos pelo processo revolucionário. Cada guerra conduz à revolução dos povos e dos próprios militares.

Há uma perda de função e um desânimo em camadas militares. Por isso, nós dissemos que eles vivem na “solidão do uniforme”, no isolamento da vida social e da vida em geral. Enquanto eles vivem encerrados, avançam o conhecimento científico, a técnica, o conhecimento e a capacidade humana de comunicação, de transmissão veloz da influência de um povo ao outro, de aquisição imediata, por parte dos povos mais atrasados, dos costumes e do saber dos povos mais adiantados, mesmo na falta de meios técnicos e científicos. Diante disso, os milita-

J. Posadas
Junho de 1974

res entram em crise e sentem a insignificância da sua função de defesa do capitalismo. Antigamente, era uma honra ser militar. O militar era forte porque representava a potência do Estado. Agora, o Estado é constantemente derrotado. Há sempre golpes de Estado. Note-se que a metade desses movimentos é dirigida por militares, seja na África, Ásia, e na América Latina.

(...) Um grande número de militares se sente atraído pela revolução. Eles não se sentem incorporados, mas atraídos a resolver os problemas não do ponto de vista militar, mas político. Nós analisamos isto desde o início do surgimento de Perón. Perón teria podido ir muito mais longe do que foi. Por isso, fizemos textos sobre os militares, inclusive um artigo em 1965 sobre o “papel dos militares nacionalistas na guerra atômica”; e outro, antes, em 1963. Fomos os únicos que desde então nos ocupamos destes problemas. As outras correntes, os partidos comunistas ou socialistas não o fizeram. Todos eles viam nos militares a rigidez do uniforme. Agora, alguns Partidos Comunistas estão reconhecendo a existência e analisando o fenômeno dos militares nacionalistas, apesar de afirmarem que o são porque “não têm outra opção que serem nacionalistas”.

Essa não é a nossa opinião. Dizer “não têm outra opção” é mecânico e impreciso. Não se trata disto, trata-se de uma atitude consciente. Existe uma influência real de um processo sobre eles que os empurra a elevar-se, a passar da “solidão do uniforme” a comunicar-se com o resto do mundo. Não se sentem solitários com o uniforme. Sentem o uniforme como um instrumento a ser utilizado. É isso que nós estamos incentivando: que utilizem o seu papel para impulsionar a história; que os militares intervenham como fator de impulso à revolução nesta etapa da história. São forças da sociedade que são ganhas

(continua na página 6)

FIDEL DEFENDE MILITARES PROGRESSISTAS A RAMONET



O livro recentemente publicado, “Fidel Castro, biografia a duas vozes”, contém o resumo da vida e o pensamento de Fidel além de sua entrevista ao jornalista Ignácio Ramonet, diretor do Le Monde Diplomatique, com inéditas revelações sobre os fatos ocorridos por trás da trama reacionária da oposição venezuelana no fracassado golpe de 11 de abril de 2002. A íntegra da entrevista foi publicada no jornal Brasil de Fato de 20 de abril deste ano, da qual extraímos alguns trechos. Destacamos além da importância da revelação dos fatos, o pensamento político de Fidel sobre a função revolucionária de correntes militares nacionalistas no processo de libertação dos povos na América Latina. A justeza desta colocação, defendida há anos pelo dirigente trotskista J. Posadas, se materializa em processos e governos atuais como de Hugo Chávez na Venezuela e militares nacionalistas com grande apoio popular como Ollanta Umala no Peru.

Ramonet – Chávez é um representante dos militares progressistas, mas na Europa e mesmo na América Latina, muitos progressistas o reprovam precisamente por ser um militar. Que opinião você tem sobre essa aparente contradição entre o progressismo e o militar?

Fidel – Olhe, temos na Venezuela um Exército jogando um importante papel

(continua na página 5)

Em defesa da nacionalização do gás da Bolívia

Viva a nacionalização dos recursos petrolíferos da Bolívia, direito inalienável do povo boliviano!

Empreender em toda a América Latina o caminho da reconquista

das riquezas nacionais espoliadas pelo Império!

Solidariedade ao Governo e ao Povo Bolivianos, reforçar a Comunidade Sul-Americana de Nações, acelerar a integração entre os povos!

Neste primeiro de maio histórico o Governo boliviano na pessoa do dirigente indígena, Presidente Evo Morález, cumpriu com a decisão já tomada pelo povo boliviano em Plebiscito, de nacionalizar o petróleo e o gás da Nação Boliviana.

É um golpe mortal ao neoliberalismo, ao imperialismo, a todas as forças reacionárias que se opõem ao processo de integração atualmente em curso na Comunidade Sul-Americana das Nações, no esforço de fortalecer o Mercosul e integrar outros países, e de construir uma aliança de países baseada não somente no interesse econômico e comercial, mas centralmente na transformação social e na superação do atraso e da miséria de milhões de latino-americanos.

É a celebração de um direito histórico e uma merecida vitória do povo boliviano – pela qual pesadamente pagou com a vida ceifada de milhares de lutadores sociais – durante todos estes anos em que dedicou lutas de massas contra as consequências nefastas do neoliberalismo! Sem contar com o passado, em que a Bolívia foi fornecedora de ouro e prata para o Império Espanhol, depois de estanho para o imperialismo mundial, e nesta última fase de petróleo e gás, sem qualquer retorno para o desenvolvimento da maioria da população. De fato, é um dos países latino-americanos que mais padecem de miséria, fome e exploração. Mas a tradição revolucionária do seu povo, sua abnegação e determinação, permitiu colocar no governo um dirigente sindical, indígena e campones, e esta mesma firmeza inspiram os seus atos corajosos.

A Bolívia neste momento é a prova prática de que “um outro mundo é possível” que vai além das formulações teóricas dos Fóruns Sociais Mundiais. É a continuidade do processo de esquerdização da América Latina em curso, é o reforço recíproco de processos que recolocam na pauta a necessidade, urgência e pos-



Evo Morales decreta a nacionalização do petróleo e do gás e cumpre sua promessa de dar ao povo boliviano o direito à posse das riquezas do país

sibilidade das transformações sociais. As elites locais, fomentadas pelo imperialismo, reagiram e reagirão com força contra estas medidas, contra esta tendência. Em particular, no Brasil, saíram na frente, com os meios de comunicação de massa que controlam, falando como porta-vozes do imperialismo, da campanha pela ALCA, usando todo tipo de mentiras e alarmismos históricos para jogar a população brasileira contra a medida tomada pela Bolívia, e em particular para intimidar o governo brasileiro, chamando-o a romper relações diplomáticas e tomar medidas drásticas contra o país-irmão.

Por isto, foi muito importante o reconhecimento oficial do Governo Lula à nacionalização adotada pela Bolívia como ato de soberania nacional, indicando sim a existência de condições políticas para que também no Brasil as políticas energéticas sejam reorientadas em favor dos interesses estratégicos nacionais, enfrentando a escalada de rapina neoliberal das transnacionais.

Igualmente colocaram na mira a diplomacia brasileira, que tem sido a

ponta avançada do governo Lula, acusando-a de “fracasso” e de ser “ideológica”. Acusam falsamente aos bolivianos de tergiversar, mentem descaradamente, falam de “perigo de desabastecimento”, de “aumento seguro de preços” – quando não há qualquer ameaça a este respeito – e de “expropriação violenta” – quando se trata de um processo de negociação e compra de 51% das ações pelo governo boliviano, com todos os ritos formais necessários de renegociação de contratos, e fazem apelo à separação do governo brasileiro do governo boliviano.

Tudo o que eles querem e sonham é desmantelar a Comunidade Sul-Americana de Nações, arrebanhar com o Mercosul, torcer para que os problemas com o Paraguai e o Uruguai se tornem irreversíveis. Torcem para reintroduzir a discussão da ALCA, repudiam a ALBA e principalmente culpam ao Presidente Hugo Chávez pelas iniciativas da Bolívia, como mentor e incentivador. E advertem para os “perigos” que o Peru siga o mesmo caminho. O fazem em nome do Império, e em nome do de-

sespero. E atacam fortemente, de maneira repudiável, a nossa política externa independente.

É preciso, portanto, fazer uma contra-ofensiva midiática, para esclarecer à população brasileira a importância deste fato da nacionalização dos recursos petrolíferos da Bolívia, como foi para nós “O Petróleo é Nosso”, e que, ao contrário, nós também devemos empreender o caminho de retomar as riquezas nacionais fundamentais privatizadas com a privataria, a começar pela Vale do Rio Doce, vendida a preço de bananas e de maneira ilegal. É lamentável que não haja passado no Encontro Nacional do PT, uma moção neste sentido, mas a luta deve continuar, agora, reforçada pelo exemplo boliviano. Ou seja, é preciso atuar de forma inteligente e decidida na guerra informativa - e lamentavelmente a Radiobrás não se preparou nestes 3 anos para isto - para explicar que a auto-suficiência brasileira em petróleo só foi possível porque houve a nacionalização e a criação da empresa estatal, a Petrobrás. Enfrentar a confusão criada pela desinformação da mídia, que só agora resolve “defender” a Petrobrás, mas sempre foi favorável à sua privatização, sendo que toda esta histeria se deve ao fato de falar em nome dos acionistas estrangeiros que controlam as ações da Petrobrás, sendo o City Bank o maior deles, e que ficam com a maior parte do lucro da estatal, privatizando-o, lucro remetido regularmente para o exterior. É hora de discutir a recuperação do controle acionário da Petrobrás pelo povo brasileiro, este é o exemplo que vem da Bolívia, e esta é a razão do pânico do império e da burguesia brasileira, porque sabe que o gesto boliviano, que teve o apoio dos militares lá, está pesando fortemente em amplas camadas militares naciona-

Vem da página 4

listas aqui no Brasil. Esta elite entreguista que hipocritamente finge defender os interesses nacionais, é a mesma que defende a continuidade dos leilões para desnacionalização do nosso petróleo, permitindo que as transnacionais formem seus estoques estratégicos que deveriam ser formados aqui para quando vier a inevitável crise mundial do petróleo, que já desponta no horizonte, razão da guerra ao Iraque e das ameaças ao Irã, ameaças que podem voltar-se contra o Brasil, assim como já atingem a Venezuela e agora, fatalmente, a Bolívia. É preciso que o governo, os partidos progressistas, as entidades do movimento sindical, os nacionalistas, aproveitem o ensejo, o impulso boliviano, para também adotarem uma linha política de recuperação de tudo o que foi ilegalmente privatizado no Brasil, bem como para defender abertamente a criação de uma Empresa Estatal de Bioenergia, caso contrário, o biodiesel brasileiro será controlado pelas transnacionais e será uma solução de poder para o imperialismo, como já indicam as volumosas compras de terras no Brasil por magnatas como Bill Gates, George Soros, bancos franceses e japoneses. O gesto da Bolívia serve para acordar a consciência nacional!

É fundamental que o governo Lula tome medidas para que a Radiobrás tenha de verdade alcance nacional, que não tem hoje, investindo nela o que hoje investe na mídia privada que tanto distorce as ações do governo, e que faça a disputa midiática para valer e desmentir a estória que após a nacionalização boliviana ocorrerá o “caos”, como querem mostrar na Bolívia, que os bolivianos não serão capazes de manter os investimentos e

gerenciar o processo de incorporação das refinarias e poços de petróleo e gás. Nem mesmo quando da crise de desintegração da União Soviética – e ali sim houve uma crise de gravíssimas proporções, retrocessos – não houve interrupção no fornecimento de gás para a Europa Ocidental, abastecida pelo gasoduto Rússia-Europa. O gasoduto Bolívia-Brasil foi construído pela Petrobrás, mas para favorecer as transnacionais que controlavam os recursos energéticos bolivianos, e esta mesma mídia brasileira escandalosa é incapaz de dar esta informa-

Somente um MERCOSUL dentro do espírito antiimperialista da Comunidade Sul-Americana das Nações pode dar elementos para avançar nas medidas de nacionalização e de conquistas sociais em cada um dos países: Argentina, Bolívia, Brasil e Venezuela



ção. O gás “boliviano” não era da Bolívia, era das transnacionais, o gasoduto foi construído com recursos da estatal brasileira, mas do grande lucro se apropriavam as transnacionais, sendo a Petrobrás obrigada a pagar pelo gás, mesmo se não o utilizasse. O que o governo da Bolívia está fazendo é terminar com os acordos de rapina, de voltar ao povo boliviano o que de fato sempre lhe pertenceu, e avisar aos que querem comprar e explorar esta riqueza econômica que devem pagar o preço justo.

É preciso desmascarar estas mentiras de caráter neocolonial!

Mas muito pode fazer o Brasil, o governo Brasileiro, mantendo a nave

no rumo, firme, renegociando com os bolivianos, estabelecendo o justo intercâmbio de mercadorias, de recursos energéticos, reforçando os acordos para construção do gasoduto latino-americano da Venezuela até a Argentina, integrando mais e mais as economias, por meio dos respectivos Estados e não simplesmente da “iniciativa privada”, que como se viu no caso da empresa siderúrgica brasileira instalada em Santa Cruz de la Sierra, não respeitava a mínima legalidade e controle por parte do Estado Boliviano. Este tipo de

“integração” predatória deve ser rejeitado, o princípio é: **TODA RIQUEZA DEVE SERVIR AOS POVOS!**

Evo Morález havia já declarado recentemente no programa televisivo “Roda Viva”, que não fazia qualquer sentido que o povo boliviano navegasse sobre um mar de petróleo e gás sem ter gás de cozinha nas próprias casas (a esmagadora maioria dos lares bolivianos ainda cozinha à lenha) e vivendo na miséria absoluta. Entretanto, as elites brasileiras, representando o imperialismo, e as elites regionais, tentarão de introduzir cunhas na Bolívia, a começar por recolocar a questão do separatismo da região de Santa Cruz de la Sierra

e fronteiras com o Brasil. Já começou a campanha de desestabilização! Não podem tolerar que a Bolívia se aproxime da Venezuela e declare abertamente seu apoio a Cuba, que fala acordos para erradicar o analfabetismo em 18 meses e declare querer seguir o caminho do socialismo.

Pois é preciso então que a esquerda se mobilize no Brasil em apoio à nacionalização boliviana, mas também enviando delegações de petroleiros, de sindicalistas e movimentos sociais, para se discutir uma linha solidária de atuação contra as transnacionais, para desmascarar esta conspiração e que apóie abertamente ao povo-irmão boliviano nesta sua luta por dignidade, pelo desenvolvimento nacional, e por libertar-se dos grilhões de séculos de exploração colonial e neocolonial.

Chamamos a Cut, o PT, o MST, a UNE a uma posição pública de apoio ao governo da Bolívia, e a propor uma agenda de diálogos populares para que a relação Brasil-Bolívia seja mutuamente vantajosa para os dois povos e para impedir que o imperialismo manipule para jogar um povo contra o outro!!!

As duas décadas de neoliberalismo extremo na Bolívia foram a maior tragédia social que uma Nação poderia ter sofrido. A decisão boliviana é um convite e um encorajamento para saíam também das décadas perdidas, entremos na era das transformações sociais! O povo boliviano está nos estendendo as mãos para que nos unamos para recuperar ao patrimônio público criminosamente privatizado e internacionalizado.

Seguir, portanto o exemplo da Bolívia, retomar o controle das riquezas nacionais! Os capitais virão do próprio esforço dos nossos povos, do Banco do Sul, do aborto da escandalosa remessa de lucros, das especulações financeiras internacionais. ●

FIDEL (vem da página 3)

com a Revolução Bolivariana. E Omar Torrijos, no Panamá, foi um exemplo de militar com consciência. Juan Velasco Alvarado, no Peru, também levou a cabo algumas ações de progresso notáveis. Não há que se esquecer que, entre os próprios brasileiros, Luis Carlos Prestes foi um oficial do Exército que realizou uma marcha em 1924-1926 quase como a que fez Mao Tse-Tung em 1934-1935. Jorge Amado escreveu a história daquela marcha de Prestes, o Cavaleiro da Esperança, entre suas magníficas novelas – eu tive a oportunidade de ler todas –, e

a marcha foi algo impressionante, durou dois anos e meio, percorrendo imensos territórios de seu país sem sofrer uma única derrota. Ou seja, houve proezas que saíram dos militares. Vou citar um militar do México: Lázaro Cárdenas, um general da Revolução Mexicana que nacionalizou o petróleo. Teve um valor muito grande, realizou a reforma agrária e conquistou o apoio do povo. Quando se fala de questões do México, não há que se esquecer de papéis desempenhados por personalidades como Lázaro Cárdenas, de origem militar. Como não se pode se esquecer que os primeiros que, no século XX, rebelaram-se na América Latina, nos anos 50, foram jovens guatemaltecos

em torno da figura de Jacobo Arbenz que participaram de atividades revolucionárias. Bem, não se pode dizer que seja um fenômeno geral, mas há uma série de casos de militares progressistas. Perón, na Argentina, também tinha origem militar. No momento em que surge, em 1943, foi nomeado ministro do Trabalho e faz tais leis que quando o levam à prisão, o povo o resgata, e era chefe militar. Também há um civil que teve influência entre os militares, estudou na Itália, onde também esteve Perón, que foi Jorge Eliécer Gaitán, e eram líderes populares.

Perón era adido militar da embaixada, esteve ali em Roma nos anos trinta durante a era mussoliniana (*Benito*

Mussolini) e algumas das formas e métodos de mobilizações de massa que viu o deixaram impressionado. Foi influenciado, inclusive em alguns processos; mas nos casos em que menciono essa influência, Gaitán e Perón a utilizaram de forma positiva porque é preciso ver que Perón fez reformas sociais. Ele cometeu, digamos, um erro: ofendeu a oligarquia argentina, a humilhou, retirando-lhe o teatro simbólico e algumas instituições. Trabalhou com as reservas e os recursos que o país possuía e melhorou as condições de vida dos trabalhadores. Os operários são muito gratos e Perón se converteu em um ídolo dos trabalhadores. ●

IRÃ: aumenta a pressão do governo contra os neoliberais

(Do nosso correspondente - Teerã, 26 de maio de 2006)

A política interna iraniana não tem a mesma visibilidade que a política exterior. O governo se move muito claramente sobre a questão da energia nuclear e se alia de maneira justa com o grupo de Xangai, com a D7, com a frente bolivariana e Cuba, etc... Mas, as medidas econômicas do governo são emperradas a cada passo e não avançam. Há um turbilhão de atividades do presidente Ahmadinejad contra o marasmo e os obstáculos. Há uma situação de risco quando, além de tudo, surgem provocações étnicas em relação aos árabes e ao povo do Azerbaijão. Isso deveria induzir a convencer as direções políticas sobre a impossibilidade das reformas graduais. Sem uma política revolucionária, não somente se paralisa o processo revolucionário como a contra-revolução terá motivo e possibilidade de intervir, criando confusão e desviando as energias político-sociais vitais para o curso do processo revolucionário.

O governo decretou o aumento de 40% do piso salarial dos operários irregulares, e a patronal os demitiu em massa, pedindo em contra-partida a redução drástica dos impostos. O governo decreta o financiamento às Regiões, mas o Banco Central não o cumpre. Os órgãos de controle pegam os grandes especuladores em flagrante, os prendem e os entregam à magistratura; e o poder judiciário os condena regularmente a pagar multas ridículas, quando não os absolvem, ou os deixam escapar ao exterior discretamente. O senhor do aço, do cimento ou do açúcar, a máfia do petróleo, dos mercados de verduras e frutas, os traficantes de serviços marítimos, os dirigentes que ganham em uma hora quanto um operário ganha em um mês, todos aqueles que já foram denunciados várias vezes, presos e colocados na prisão, continuam nos seus lugares a infectar a economia do país.

Há poucos dias, os universitários organizaram numa manifestação os funerais do senhor "luta à corrupção". Grupos organizados entraram na universidade e atacaram as assembleias e o serviço de ordem não interveio. Coube aos próprios grupos universitários expulsá-los à força e aos empurrões. O governo não teve a força para reduzir o preço das matrículas

das da universidade privada; ou enquadrar na lei os hospitais privados que funcionam como uma empresa de alto custo. Há um poder dentro do poder entre os mais ricos do país. Tudo isto motiva os provocadores a criar distorções fora e dentro do país.

Nas suas viagens itinerantes, Ahmadinejad consegue arrastar muita gente que o apoia e o empurra, porém a coisa não se repete se o povo não vê realizações e fatos.

No seu último e recentíssimo giro numa das regiões centrais com uma capital fortemente industrializada e poluída, com demissões e desemprego em massa, Ahmadinejad declarou que para as fábricas que não mantiveram os compromissos assumidos e que sugaram a vida dos operários, o tempo já expirou, e que as fábricas passadas injustamente para mãos privadas, serão retomadas pelo Estado. Na nórdica Ghilan, uma grande fábrica privatizada durante o governo anterior de Khatami, com dezenas de hectares na área urbana e tantos meses de luta operária, passou de volta às mãos do Estado, com grandes festas das famílias operárias. A quem cabe retomar a chave, as máquinas, as áreas destruídas? Vejamos se empregam o método revolucionário. O patrão, certamente, não virá entregar.

A propósito do poder judiciário, o parlamento finalmente decretou, há poucos dias, que os juízes têm a obrigação de denunciar o nome dos já condenados por corrupção e por grandes delitos econômicos. Agora, os juízes corruptos se encontram em dificuldade; inclusive o ministro do petróleo. O presidente deu a ordem, contra o parecer do próprio ministro, para um comitê de especialistas tomar o controle de um dos mais controversos e corruptos contratos de gás, como aquele com os Emirados Árabes. Mas, o mais importante é a constituição da Bolsa de petróleo fora do controle do ministério. Aqui, quando funcionar, a venda será em euro, como sugeriu Chávez. O Iraque tinha tomado esta decisão pouco antes de ser atacado. Quando esta medida ocorrer, o valor do dólar sofrerá uma enorme queda, não sendo ligado ao fundo áureo. E aí iniciará a queda do império. Os Estados Unidos farão de tudo para que isso não ocorra. ■

CAUSAS E FATORES...
(vem da página 3)



Na "Revolução dos Cravos" em Portugal soldados se confraternizavam com as crianças

do capitalismo para o progresso da humanidade. Parte deste processo são a Etiópia, Portugal, a Somália. Antes foi o Peru e Perón, e depois os militares bolivianos. Antes ainda, houve também Cárdenas, com algumas diferenças pelos seus antecedentes e pela origem do exército mexicano e pela própria estrutura do México.

(...) Nós nos preparamos para isso, tendo compreendido desde o primeiro momento a Junta de militares do Peru. Mas, muito antes, compreendemos Perón, quando todos lhe diziam "fascista, fascista", e Villaroel na Bolívia, e depois o processo no Egito. É preciso analisar a história, não como repetidores de Marx como justificativa para não fazer nada, mas para aplicá-lo hoje. Por cima, o sistema capitalista continua a ser capitalista, mas por baixo se decompõe: é a compenetração. Cada regime social, antes de triunfar, penetra no outro. Um modo de penetrar, a chamada compenetração, se realiza nas superestruturas; se infiltra nelas e as dissolve, porque o outro regime – que é o capitalismo – perdeu o direito histórico de existir. As relações sociais mais desenvolvidas penetram e ganham. O capitalismo formou cabeças pensantes para dirigir, e agora estas lhe dizem: "tudo isto é uma porcaria, não serve!", e são ganhas para um regime social superior. Acreditar no contrário significa pensar que o ser humano é um idiota. O ser humano pensa. O pensamento é a conquista mais elevada da natureza e da matéria.



25 de abril de 1974 em Portugal: soldados se uniram ao povo no Largo do Carmo

Os militares, em última instância, não são os mais importantes. Mas, em certas fases do processo, sim; desenvolvem um papel muito importante e decisivo, porque são eles que intervêm nos momentos em que se precipita a concentração das forças e podem decidir. É muito importante ganhar os militares, e se pode ganhá-los na guerra ou na paz. Não todos, porque não se pode transformar a estrutura do exército como instituição. Mas é possível ganhar um setor muito grande do exército e com isso romper a sua segurança e coesão interna de submissão ao capitalismo.

(...) Não há limites para os resultados que os militares podem obter. Eles não têm programa, nem política, nem estão unidos como partido. Mas, em Portugal, os capitães se reuniram e agiram como partido (*), e por isso obtiveram tal repercussão. E agiram como um partido que está procurando aprender e assimilar o instrumento marxista. Mesmo tendo o marxismo, não são inimigos. Eles o temem porque se trata de uma concepção oposta àquela que defenderam em toda sua vida. É preciso sentir que é natural que os militares recusem a disciplina do marxismo, porque vai contra a natureza militar. O marxismo os leva a ver a realidade, a observar a vida baseando-se na economia, na conduta humana e da luta de classes.

Nós propusemos há tempos, na América Latina, no Peru, na Bolívia, no México, em outros países, que se façam cursos de marxismo no exército; particularmente sobre o método marxista, que desenvolvam uma síntese muito clara de o que é o Estado Operário e qual é o curso inexorável da história: cursos que demonstrem a evolução do processo da história e que este é determinado por leis objetivas, e não pela ação de homens ou de acordos prévios, mas por leis que surgem e segundo as quais se desenvolve e se estrutura o processo posterior. ■

(*) Na Revolução dos Cravos de 1974

A biomassa é nossa?

A repercussão das medidas tomadas pelo governo boliviano em relação ao petróleo e ao gás demonstra quão fundamental e estratégico é o domínio das fontes energéticas para o desenvolvimento de uma nação e de um povo.

Embora o Brasil tenha conquistado a auto-suficiência na produção de petróleo, estamos longe de controlar este processo, com 60% do capital da Petrobrás em mãos privadas, dos quais 49% em Wall Street e 11% nas mãos de testas-de-ferro “brasileiros”. Além disso, frente ao fato que estes recursos deixarão de existir nos próximos 40 anos, urge discutir a utilização das grandes fontes renováveis do Brasil: água, vento, sol e biomassa. Veja-se experiência acumulada no setor, a partir do Proálcool, que vai do campo da pesquisa científica a toda a cadeia agro-industrial. A iniciativa da Petrobrás de incluir a soja no processo de refino do diesel é a mais recente expressão desta capacidade.

O governo Lula tem expressado sensibilidade e desenvolvido nos últimos anos uma política favorável à exploração da biomassa. A mais recente proposta é a formação da Empresa Brasileira de Bioenergia. Porém, esta política não tem sido direcionada no sentido econômico e social mais justo. Já nos referimos às limitações técnicas da escolha da mamona em relação a tantos outros tipos de oleaginosas (pinhão-manso, dendê, girassol, nabo forrageiro,

etc..) altamente rentáveis. Recentes pesquisas indicam um potencial muito superior da bata-doce para a produção de álcool combustível, em relação à própria cana-de-açúcar, com até 4 safras anuais e um rendimento superior. Ou seja, novas alternativas surgem, e podem ter, por via da diversificação, consequências sociais e ecológicas relevantes.

O mega programa da Petrobrás de adicionar óleo de soja ao diesel pode ter implicações sociais, técnicas, e político-sociais negativas. Rogério Cezar de Cerqueira Leite, professor da Unicamp, questiona esta opção. O processo em teoria deveria economizar os custos da chamada transesterificação, ao se fazer a hidrogenação da mistura do óleo de soja com o diesel. Porém, ao se demonstrar que a produtividade por hectare da cultura de soja em relação à da cana-de-açúcar é quase 12 vezes menor, e que o seu plantio e colheita comportam um alto consumo de combustível, conclui ele que o aproveitamento energético da mistura é nulo. Este projeto não seria auto-sustentável, requereria subsídios, e visaria salvar o agronegócio da soja. Evidentemente, a inserção de 10% de óleo de soja no processo de refino do diesel implicaria num subsídio anual de quase R\$ 4 bilhões ao setor. Isso, quando os créditos destinados à agricultura familiar para a safra de 2006/2007 foram somente R\$ 10 bilhões enquanto ao agro-negócio R\$ 50 bilhões..

As usinas dos pequenos agricultores não têm apoio técnico e financeiro sufi-



O agronegócio da soja leva vantagens no programa da produção de combustíveis a partir da biomassa

ciente para competir. Mesmo no caso da soja, em que 50% da mesma é produzida por agricultores até 200 hectares, que poderiam ser teoricamente beneficiados. O problema é que a comercialização é controlada por 4 empresas (ADM, ABC, Cargill e Bunge e outras menores). É o mesmo caso do óleo de mamona para lubrificante de avião, resina e tinta, comercializado por empresa alemã, que também controla a comercialização do café, sem plantar um pé de café sequer. No caso da soja, além do fator comercialização, dos 120 milhões de toneladas de grãos produzidos no país, 54 são soja, ou seja, é o único produto em quantidade disponível para o mega projeto da Petrobrás.

Até o momento, o maior favorecido dos programas de incentivos às fontes alternativas têm sido o agronegócio, seja ele o da soja ou de outras culturas. Os grandes latifundiários da cana de açúcar são os grandes beneficiários da exportação do álcool para os mercados europeus e japoneses. A opção não é “salvar” o agronegócio da cana-de-açúcar, já fartamente beneficiado por financiamentos, contra aquele da soja, mas direcionar recursos que permitam distribuir a renda no campo. Deveria haver uma grande deci-

são do governo no sentido de impulsionar outras culturas. Se as transnacionais e os latifundiários do agronegócio prevalecerem, e não houver uma reação nacional, estes vão implantar o projeto conforme seus interesses. Já nos Estados Unidos há quem diga que é melhor investir nos projetos de bioenergia no Brasil que depender do petróleo venezuelano.

A política bioenergética ao invés de ser um benefício social e estímulo à agricultura familiar para avançar na reforma agrária, pode ser somente um estímulo ao latifúndio da soja transgênica, com consequências devastadoras para o ambiente. Diante do declínio mundial da produção do petróleo, a burguesia trata de investir na biomassa, roubando a bandeira de luta dos movimentos sociais e dos defensores da soberania nacional, tratando de usurpar, a seu favor, a bioenergia como fonte de lucro e não como um bem social. É hora que o povo se levante e faça valer os seus direitos. Os mineiros e camponeses da Venezuela, Bolívia, Peru estão cerrando as veias abertas da América Latina, e o Brasil não pode ficar de fora:

- Dar apoio total à re-nacionalização da Vale do Rio Doce.

- Mobilizar o Sindicato dos trabalhadores da Petrobrás, da AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobrás) em torno de uma campanha pela re-nacionalização da Petrobrás já!

- Lançar a campanha pela Empresa Estatal da Bioenergia, a “Biomassa é nossa!”, nas universidades, nos sindicatos, no MST e MPA. Um forte chamado ao governo Lula e aos militares nacionalistas cabe nesta luta em particular, na defesa da soberania e das riquezas nacionais a serviço do povo brasileiro.

Apresentação ao texto de
J. Posadas
(vem da página 3)

Abreu de Lima que, sendo militar, já em 1840 discutia sobre a questão do socialismo.

O enorme apoio eleitoral e social a Ollanta Umala não surgiu da noite ao dia. É a tradição nacionalista de Velasco Alvarado que ressurgiu. Os pobres, camponeses, mineiros, trabalhadores e estudantes votaram por Umala. São votos de qualidade revolucionária, pela estatização dos recursos energéticos, pelo controle social das riquezas a favor do povo, pela Comunidade Sul-americana de Nações, pela unidade com Chávez-Evo Morales-Lula. São votos de classe, ponta do iceberg de

uma real força social, que vão se multiplicar numa luta irreversível na próxima etapa. Umala não ganhou a presidência, mas o seu partido venceu em 15 das 24 regiões administrativas, e mantém a maioria no Congresso.

Bush e o imperialismo investirão perigosamente e sem limites em Alan Garcia, como centro desarticulador da frente anti-Alca e anti-neoliberal. Alan Garcia, travestido de social-democrata, busca acordos para neutralizar a esquerda e a oposição de Humala, após ter jogado baixo contra um suposto perigo de uma ditadura “militar”. Eis aí, um ponto que merece uma discussão profunda das esquerdas da América Latina. A libertação e a democracia dos povos necessita impor-se com a força. Assim como o golpe reacionário

contra Allende se fez com o exército, a resistência popular necessita ganhar o apoio das alas nacionalistas e revolucionários das Forças Armadas. Muitos setores da pequeno-burguesia e da esquerda, imbuídos de concepções “gauchistas” não compreendem o conteúdo revolucionário destas forças militares revolucionárias, como Chávez e Ollanta Umala. Falta a dialética para interpretar o fundo dos processos e dar menos peso às formas.

Recordemo-nos que Luis Carlos Prestes foi militar e comunista; que a “Campanha do Petróleo é Nosso” foi cívico-militar e que chegou o momento de retomá-la até suas últimas consequências, eliminando toda dependência da Petrobrás de acionistas estrangeiros. E porque não iniciar uma nova “Campanha pela Biomassa é nossa”? Não há

que ter pruridos a convidar os militares nacionalistas aos sindicatos para defender um modelo de defesa das riquezas nacionais, da Vale do Rio Doce, um modelo de comunicação nacional, sem a invasão norte-americana na cultura do povo brasileiro. Muito pelo contrário, a participação dos militares nacionalistas é imprescindível neste processo de defesa da economia, e das fronteiras físicas nacionais, ameaçadas por infiltração interna e por soldados norte-americanas no Paraguai e agora na Bolívia. O apoio popular a Hugo Chávez, Ollanta Umala e Evo Morales demonstram o que se pode fazer. É preciso decisão, um programa de estatizações e nacionalização dos recursos naturais com controle popular na defesa dos interesses nacionais a favor do povo.

TV Digital, MERCOSUL e soberania

Carta aberta ao Presidente Hugo Chávez

(Por ocasião do lançamento do *“Manifesto das Américas – em defesa da natureza e da diversidade cultural”* durante o encontro realizado pelos movimentos sociais no dia 20 de abril de 2006 em Curitiba)



Jovens jornalistas e comunicadores sociais na defesa de uma TV Digital Democrática e Popular



João Pedro Stedile, o presidente Hugo Chávez, o governador Roberto Requião do Paraná e Beth Carvalho no lançamento do Manifesto das Américas.

Ao Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Chávez Frias:

Estimado companheiro,

É com respeito e admiração que nos dirigimos a V. Excia. como principal inspirador e organizador do canal de televisão mais livre e integrado do nosso Continente, que é a TELESUL.

Pedimos a sua atenção para um passo decisivo para o futuro da comunicação de massas na América do Sul que se está por empreender, que é a introdução da tecnologia digital nos sistemas de Rádio e Televisão. A urgência desta colocação se deve a que o nosso país, o Brasil, está por antecipar-se sem coordenar os esforços com os outros países do MERCOSUL, adotando o padrão japonês.

Por isso, nos dirigimos também, com esta missiva, aos países membros do MERCOSUL (Argentina, Brasil, Paraguai, Venezuela e Uruguai):

Abriu-se uma grande oportunidade histórica para afirmar a soberania dos nossos países, por meio do desenvolvimento de um modelo autóctono de tecnologia digital para a Televisão. Com tecnologia própria,

desenvolvida a partir do esforço coletivo dos países do MERCOSUL, mobilizando seus centros científicos e universidades, será possível desenvolver um padrão da TV Digital que nos permita garantir a democratização da informação, com diversidade e pluralidade, rompendo com o controle dos oligopólios de hoje, liberando dessa maneira os países do neocolonialismo digital que tenta usar a nova tecnologia para as velhas grades da ditadura televisiva.

O Brasil, sob o governo Lula, investiu até agora 36 milhões de dólares nas pesquisas científicas que registraram resultados significativos. Mas, este grande trabalho das instituições científicas brasileiras está em vias de ser abandonado. Por imposição de poderosos conglomerados internacionais e nacionais a eles “associados”, uma decisão estratégica de nação ou de nações soberanas, decisiva para a soberania informativo-cultural dos povos, pode ser reduzida a um simples negócio. Ao invés de produtores de tecnologia, nos transformaremos em meros compradores. Não seremos mais cidadãos, mas meros consumidores. O país passa a ser apenas um comprador de tecnologia, de equipamentos e programas estrangeiros, neste caso do Japão, frustrando o desenvolvi-

mento tecnológico autônomo, reproduzindo o ciclo de compra de pacotes tecnológicos fechados, assumindo mais dívidas e dependência tecnológica e cultural.

No mesmo momento no qual a Venezuela, Argentina, Uruguai, Cuba e Bolívia já transformaram em realidade a Telesul, impulsionam, junto com o Brasil, a construção da Petrosul, da ALBA, do Gasoduto do Sul, do Banco do Sul e outras iniciativas de integração e cooperação regional, existem as condições para que também a implantação da TV Digital seja fruto de um esforço comum do MERCOSUL. Havia e há uma clara disposição da Argentina para realizar tal acordo com o Brasil; esta foi a intenção inicial declarada pelas autoridades brasileiras. Da mesma maneira, já há uma cooperação entre a Argentina e o Brasil na área da tecnologia militar.

Há também uma oferta da China ao Brasil para um acordo tecnológico (a exemplo da cooperação que já existe na área do uso dos satélites). Porque então não convocar uma CONFERÊNCIA DO MERCOSUL SOBRE A TELEVISÃO DIGITAL, com os melhores expertos no setor, pesquisadores, cientistas e autoridades competentes, sindicatos dos trabalhadores da indústria eletrônica, produtores audiovisuais para discutir concretamente os benefícios de uma opção que, além de tecnológica, também promove a integração dos povos, liberando-os da dependência dos conglomerados imperiais que têm a intenção de utilizar a TV Digital apenas como uma ferramenta de manipulação, enriquecimento e subordinação dos povos do sul?

A grande mídia comercial comandada pelos fabricantes de equipamentos vai tratar de confundir os países, jogar uns contra os outros; já faz uma campanha dizendo que “não é possível reinventar a roda” ou que vamos “perder o trem da História em tecnologia”. Mas, porque esta pressa? São os monopólios da TV que têm pressa para fazer grandes negócios e manter a relação colonial. Qual é a tragédia se estendermos os prazos para desenvolver democraticamente o PADRÃO DA TV DIGITAL DO MERCOSUL, de acordo com as nossas necessidades e realidade? É realmente uma prioridade para os países do MERCOSUL com-

prar apressadamente uma tecnologia estrangeira de TV Digital? A prioridade não é eliminar a fome, as favelas, o analfabetismo e a pobreza? Para isso sim, temos que ter toda pressa. Quem vai pagar então pela compra neocolonial desta tecnologia enquanto faltam recursos para as outras obras sociais indispensáveis e urgentes? É justo dar prioridade a esta modernização conservadora e elitista do consumo para um setor minoritário da sociedade quando nem sequer os países mais ricos do planeta a TV digital está difundida?

Portanto, Senhor Presidente, com muito respeito, sugerimos que:

- Sejam convocados os centros cientistas e as universidades do MERCOSUL para que estudem e elaborem um projeto para uma TV DIGITAL DO MERCOSUL;

- Os centros de pesquisa do MERCOSUL façam um trabalho unificado, recebendo apoio estatal, e brindando ao mundo uma alternativa tecnológica livre do controle dos organismos do império;

- Busquemos a cooperação da China e da Índia nesta missão, dado que tem investido muito neste setor. Já temos com estes países a metade do mercado mundial dos televisores.

- A TV Digital do MERCOSUL tenha a tecnologia adequada para cumprir com os insuperáveis requisitos da democracia informativo-cultural e da soberania dos povos, possibilitando a multiplicação dos canais sob controle social e público;

- Tenhamos assegurados múltiplos canais para a educação, a ciência, a cultura, o esporte e a participação popular;

- Tenhamos simultaneamente Ágora e Soviets televisivos!

- Tenhamos uma TV digital para construir a Pátria Grande!

Começando por esta ação do MERCOSUL por uma TV Digital autônoma, democrática e soberana, muitas outras iniciativas semelhantes poderão ser concretizadas, tendo como objetivo o desenvolvimento de uma televisão humanista, de solidariedade e integradora.

Com respeito, estima e consideração,

TV CIDADE LIVRE
O Canal Comunitário de
Brasília

19 de Abril de 2006